

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



ESTUDOS DO LABIRINTO

Projeto Curatorial

Cláudia Sofia Gomes Afonso Gonçalves Ramos

Trabalho de Projeto

Mestrado em Crítica, Curadoria e Teorias da Arte

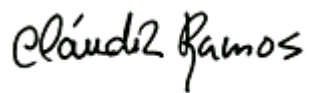
Trabalho de Projeto orientado pela Professora Doutora Cristina Azevedo Tavares

2016

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Cláudia Sofia Gomes Afonso Gonçalves Ramos, declaro que o presente trabalho de projeto de mestrado intitulado *Estudos do Labirinto – Projeto Curatorial*, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

A handwritten signature in black ink that reads "Cláudia Ramos". The signature is written in a cursive, slightly slanted style.

Lisboa, 14 de Novembro de 2016

RESUMO

Estudos do Labirinto - Projeto Curatorial é a contextualização e apresentação de um projeto curatorial independente que encontra o seu território em Belém-Lisboa, articulando com quatro espaços museológicos distintos um programa de residências artísticas que culmina em uma instalação compósita. Um projeto que privilegia a relação com a natureza do lugar e o processo criativo, desenvolvendo meios e processos de produção que permitam a prática artística e o pensamento teórico e crítico.

O projeto conta com a participação dos artistas Ana Santos, Armanda Duarte, Belén Uriel, Francisco Tropa, Teresa Carepo, Nuno Vicente, e a dupla Pedro Paiva e João Maria Gusmão. Os artistas convidados integram quatro residências, a do Museu Nacional de Etnologia, a do Jardim Botânico Tropical, a do Museu de Marinha e a do Planetário Calouste Gulbenkian.

PALAVRAS-CHAVE: Processos da Arte / Criação / Intervenção / Lugar / Práticas Curatoriais

ABSTRACT

Studies of the Labyrinth - Curatorial Project is the contextualization and presentation of an independent curatorial project that finds its territory in Belém-Lisbon, articulating with four distinct museological spaces a program of artistic residences that culminates in a composite installation. A project that privileges the relationship with the nature of the place and the creative process, developing means and production processes that allow artistic practice and theoretical and critical thinking.

The project counts on the participation of Ana Santos, Armanda Duarte, Belén Uriel, Francisco Tropa, Teresa Carepo, Nuno Vicente, and the pair Pedro Paiva and João Maria Gusmão. The invited artists integrate four residences, the National Museum of Ethnology, the Tropical Botanical Garden, the Marine Museum and the Calouste Gulbenkian Planetarium.

KEYWORDS: Processes Arts / Artist Creation / Intervention / Place / Curatorial Practic

AGRADECIMENTOS

Quero começar por agradecer à minha orientadora Professora Doutora Cristina Azevedo Tavares e ao curador Miguel Wandshneider, um muito obrigado a ambos, por terem estado presentes durante todo o processo e ajudado a esclarecer diversas questões inerentes a todo um universo da teoria e prática curatorial.

Agradeço à Sara Antónia Matos, diretora do Atelier Museu Júlio Pomar, que sempre esteve disponível para partilhar a sua experiência e aconselhar-me ao longo do meu caminho.

Aos artistas envolvidos no projeto curatorial *Estudos do Labirinto*: Francisco Tropa, Teresa Carepo, Armanda Duarte, Nuno Vicente, Ana Santos, Belén Uriel e a dupla Pedro Paiva e João Maria Gusmão, a todos um muito obrigado por terem demonstrado entusiasmo pelo projeto, desde o primeiro contacto, e pela confiança.

Às direções das instituições envolvidas nomeadamente nas pessoas do Dr. Paulo Costa diretor do Museu Nacional de Etnologia, do Comandante Reis Madeira diretor do Museu de Marinha e do museólogo Capitão-Tenente Carlos Valentim, do Capitão de mar-e-terra João Silva Ramos diretor do Planetário Calouste Gulbenkian assim como à sua coordenadora Dra. Isabel Borges, do Prof. João Barreiros vice-reitor da Universidade de Lisboa, do diretor do Jardim Botânico Tropical Prof. Sousa Dias, e da Dra. Sofia Marçal curadora do Museu de História Natural, a todos agradeço a disponibilidade e o apoio.

Quero também agradecer à Faculdade de Belas Artes de Lisboa que desde logo se disponibilizou a apoiar o projeto, cedendo o auditório Lagoa Henriques para o desenrolar das conferências que integram o perímetro de ação do projeto *Estudos do Labirinto*.

Um muito obrigado a todos os que participam e apoiam a realização de projetos independentes apostando na cultura e proporcionando condições para uma cooperação em torno do sistema da arte.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

RESUMO

AGRADECIMENTOS

ÍNDICE 5

INTRODUÇÃO 7

CAPÍTULO I

O TEMPO IMPRESSO – Contexto Teórico 11

1.1. As Práticas Curatoriais Independentes 11

1.2. Um Espaço para Pensar 16

1.3. Imaginação Poética 23

2. Experiência Similar em Projetos Idênticos 29

2.1. DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO: Caracterização 29

2.2. Publicação 32

2.3. Serviço Educativo 33

2.4. Demonstração de Resultados 34

2.4.1. Apoios e Subsídios 34

2.4.2. Comunicação 34

CAPÍTULO II

ESTUDOS DO LABIRINTO – Projeto Curatorial 38

1.1. Conceito de Residência Artística 38

1.2. A Designação do Projeto 39

2. O Projeto: Caracterização 39

2.1. Linhas Estratégicas e Prioridades 40

2.2. Público-Alvo 42

2.3. Plano de Atividades 43

2.4. Plano de Comunicação 44

2.5. CASINFÂNCIA Lugar, Tempo e Discurso – Associação Sem Fins Lucrativos 46

2.6. A Equipa 47

2.7. A Equipa de Investigação	52
2.8. Os Artistas	54
2.9. Orçamento Discriminado	74
2.10. Apoio Financeiro e Logístico	75
2.11. Cronogramas Financeiro e de Execução Física	77

3. Avaliação Provisória	79
-------------------------	----

CONCLUSÃO	80
------------------	----

BIBLIOGRAFIA	81
---------------------	----

ÍNDICE DAS IMAGENS	83
---------------------------	----

ANEXOS	86
---------------	----

INTRODUÇÃO

«O mundo é grande, mas em nós
ele é profundo como o mar.»

Rilke

Estudos do Labirinto é um projeto curatorial que incide sobre a prática curatorial independente e a relação com o lugar. Tem como referências um conjunto de questões teóricas sobre a criação artística, o espaço e a curadoria culminando na apresentação do projeto e seus meandros.

Neste corpo de trabalho existem dois capítulos, um primeiro capítulo de contextualização teórica nomeado de *O Tempo Impresso* e um segundo capítulo que se debruça sobre o projeto curatorial *Estudos do Labirinto*. Sobre o primeiro capítulo talvez seja importante colocar, desde já, uma primeira questão. Porquê *O Tempo Impresso*? Por se tratar de um projeto que assenta numa residência artística onde são convocados diversos artistas contemporâneos a desenvolver a sua prática artística, este período de intenso trabalho tanto por artistas como investigadores, também convidados, materializa-se numa programação que reúne um conjunto de ações públicas: a exposição, um ciclo de filmes, uma conferência, um serviço educativo e uma publicação. Esta programação é como o reflexo do tempo, o tempo de reflexão, investigação, desconstrução, afirmação, o tempo necessário para fazer aparecer, revelar, imprimir. *O Tempo Impresso* é também uma referência a Andrei Tarkovski que traz este conceito para o seu livro *Esculpir o Tempo* e define o tempo como a condição da existência do nosso “eu” e simultaneamente refere o tempo e a memória como uma só entidade, onde o cinema vive e alimenta-se destas duas faces da mesma moeda. Assim, no cinema *Estudos do Labirinto* será a impressão do tempo numa apresentação de um conjunto de intervenções.

O Tempo Impresso é composto por três textos e um projeto. Os três textos são como vértices de um mesmo triângulo e definem-se por *As Práticas Curatoriais Independentes*, *Um espaço para pensar* e *A imaginação poética*. No primeiro texto, *As Práticas Curatoriais Independentes* é feita uma análise do panorama nacional no que compete à produção de projetos e exposições independentes fazendo a contextualização do projeto curatorial *Estudos do Labirinto*. O segundo texto, *Um espaço para pensar* é o mote do qual partimos para analisar a relação do artista com o lugar e onde se sublinha o objetivo crucial deste evento em trabalhar com lugares e intervir em diferentes universos. O terceiro texto, *A imaginação poética* um texto construído em torno do âmago do projeto, da criação artística e que encontra o seu nome junto ao universo de Gaston Bachalard. Nele fazemos uma viagem pela

história da arte com Bataille, e pela estética com Heidegger sem esquecer de perceber das diferentes formas que este projeto pretende trabalhar a imaginação poética e o campo autoral.

uma relação intrínseca com um território industrial, o território da antiga Companhia União Fabril, atual Baía do Tejo.

Por fim este primeiro capítulo encerra com um projeto, *da fábrica que desvanece à baía do tejo*¹, um projeto similar que antecede o *Estudos do Labirinto* e que possuía No segundo capítulo, apresento a caracterização e definição de *Estudos do Labirinto*. Ao longo destas páginas procuro enquadrar os objetivos e prioridades, o território e o contexto de cada lugar que leva à realização deste projeto, os intervenientes, a definição dos diferentes instrumentos de trabalho tais como planos de comunicação, definições do público-alvo, cronogramas financeiros e de execução física entre outros diversos elementos que são cruciais à realização do projeto.

Paralelamente a este estudo estão, em anexo, as declarações das principais entidades que compõem esta constelação, e as declarações dos artistas envolvidos. São o reflexo dos últimos meses de trabalho em torno do projeto *Estudos do Labirinto*.

¹ A denominação *da fábrica que desvanece à baía do tejo*, teve origem numa já conhecida obra escrita por Francisco de Holanda, ensaísta, artista plástico, arquiteto, historiador e crítico de arte português, obra essa denominada por *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lysboa*, ensaio sobre o urbanismo na Península Ibérica. A transposição surgiu aqui quase de imediato e de forma tão clara, que de título provisório passou à nomeação justa do projeto.

A solução do enigma da vida no tempo e no espaço está fora do tempo e do espaço.

(Os problemas a resolver não pertencem às ciências da natureza.)

Ludwing Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico* [1922], seguido de *Investigações Filosóficas* [1953], Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 140.

CAPÍTULO I

O TEMPO IMPRESSO² - CONTEXTO TEÓRICO

1.1. AS PRÁTICAS CURATORIAIS INDEPENDENTES

«Saber que se está a tomar parte, mesmo que ínfima, na criação de um momento de eternidade, de um momento em que a superfície da pedra ou da madeira ficará para sempre ferida pela luminosa violência da perfeição.»

Rui Chafes, *Entre o Céu e a Terra* [2011], Lisboa: Documenta, 2014. p. 19

Desde os anos noventa que o panorama da arte contemporânea portuguesa assiste à criação de um circuito de produção expositiva alternativa ou independente ao sistema institucional da arte.

Como refere Sandra Vieira Jurgens, na recente publicação *Instalações Provisórias*, sobre o estudo de 2006 referente ao *Salão Olímpico*:

«Se há alguns anos era mais fácil ignorar a importância do movimento alternativo, no momento actual é impossível não reconhecer o seu protagonismo. É que uma das mudanças mais significativas a que assistimos no panorama artístico dos últimos anos foi provocada pela consolidação do movimento alternativo. Actualmente tem múltiplos espaços e iniciativas no contexto do meio artístico, tornando-se essa realidade um factor incontornável e decisivo na definição de uma nova esfera de espaços, os quais exercem uma função paralela e alternativa na divulgação da arte contemporânea. A influência e o papel que este fenómeno adquiriu – que inclui não apenas os espaços independentes, mas também associações, colectivos de artistas, as exposições e a actividade de artistas-comissários – tornam a sua referência essencial»³

Em Portugal é durante os anos noventa que assistimos à retirada das exposições do amago dos espaços museológicos e das galerias, passando a existirem projetos independentes e que coabitam com o meio institucional. É o caso da associação ZDB – Galeria Zé dos Bois que nasce em 1994 pela iniciativa de um grupo de jovens

² TARKOVSKI. *Esculpir o Tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.64

³ JURGENS, Sandra Vieira. *Instalações Provisórias*. Lisboa: Documenta, 2016 p.12-13

criadores com origens em diversas áreas da cultura e que apresenta uma alternativa no campo das exposições e do consumo de arte dirigindo-se a um alargado público e dando cartas no meio artístico português, mantendo a sua atividade através de subsídios estatais da Secretaria do Estado, do Ministério da Cultura, do Instituto Português da Juventude, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento além de outros apoios e estratégias de financiamento. Ao longo do seu percurso a ZDB profissionalizou a sua estrutura participando logo em 1996, 1997 e 1998 na feira Arco de Madrid a convite de João Pinharanda. Desenvolveu diversas participações no âmbito do programa *Festival Atlântico*, aprofundando as suas relações internacionais. Desenvolveu residências de criação artística onde participaram Mattia Denisse, João Maria Gusmão e Pedro Paiva, João Tabarra, Alexandre Estrela entre outros.

A sua programação desenha-se entre as artes visuais, performativas e a música estando a direção artística a cargo de Natxo Checa, a programação de música e som com Sérgio Hydalgo, e o programa de artes performativas com a direção de Marta Furtado. A ZDB surge no campo nacional como uma alternativa aos espaços convencionais e a par com espaços alternativos internacionais, demonstrando uma clara natureza multidisciplinar e desenvolvendo um corpo orgânico tanto na subsistência como na sua programação.

Os projetos independentes definem um conjunto de novas regras que assumem um modelo próprio de curadoria e contribuem com um papel difusor da arte. De entre os muitos projetos que surgiram a nível nacional na primeira década do século XXI, destaca-se no Porto o Espaço Campanhã com programação de José Maia de 2008 a 2009, Uma Certa Falta de Coerência que devolve a atividade artística à rua dos Caldeiros, Salão Olímpico que surge por Carla Filipe, Eduardo Matos, Isabel Ribeiro, Renato Ferrão e Rui Ribeiro. Teve uma programação periódica com exposições, vídeo e performance. PêssegopráSemana um espaço gerido por André Sousa, Mafalda Santos e Miguel Carneiro que consistia numa plataforma de experimentação incluindo exposições, performances e vídeos, residências artísticas, lançamentos de fanzines e conversas. Projetos que trouxeram à cidade uma maior dinamização e que nascem impulsionados também pela abertura do Museu de Serralves a 6 Junho de 1999 e por ações importantes como Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura.

Em Lisboa também em meados da primeira década, começam a surgir diversos projetos independentes entre os quais o Espaço Avenida que nasce em 2007 no nº211 da Avenida da Liberdade e a onde se fixam ateliers de artistas como Francisco Tropa, João Queiroz, Armanda Duarte, António Bolota, Pedro Tropa, Teresa Santos, Thierry Simões entre tantos outros artistas. Este mesmo espaço é também palco de diversas exposições no campo das artes visuais. No mesmo nº211

da Avenida da Liberdade no 1º esq. nasce o Parkour⁴ criado por oito artistas e que apresenta projetos quer de agentes culturais portugueses quer de agentes culturais internacionais, aqui apresentaram-se exposições de Gonçalo Sena, Francisca Carvalho, Pedro Tropa, Belén Uriel, João Maria Gusmão e Pedro Paiva, António Bolota e Carla Filipe, entre muitos outros, foi durante três anos um espaço de intensa atividade cultural e de partilha.

O P28 é outro projeto independente que iniciou a sua atividade no Antigo Hospital Júlio de Matos em pavilhões de internamento desativados, e desenvolve um programa expositivo em 2008. Um projeto dirigido por Sandro Resende e que encontra forma de integrar regularmente em exposições artistas/doentes do Centro Hospital Psiquiátrico de Lisboa com outros artistas e curadores vem depois a encontrar no Centro Comercial Alegro Alfragide ou no projeto Contentores⁵ novas formas para os seus movimentos culturais.

É também de sublinhar o surgimento de projetos e espaços geridos por agentes culturais que nascem de autopropostas geridas por artistas ou por curadores onde podemos dar destaque, entre outros, ao Empty Cube surge em 2007 pelas mãos de João Silvério que começa por apresentar projetos artísticos, por uma noite, num espaço de reduzidas dimensões. Passa depois a ocupar um espaço cedido pela Galeria Filomena Soares e posteriormente acolhido na Galeria Appleton Square.

O Carpe Diem – Arte e Pesquisa, hoje dirigido por Lourenço Egreja, surge em 2009 com o projeto curatorial de Paulo Reis e que vem a instalar-se, com o apoio da EGEAC, no Palácio Pombal na Rua do Século. O projeto pretende promover um espaço de criação através de residências artísticas e da mostra de trabalhos nacionais e internacionais. Para assegurar a sua sustentabilidade possui os múltiplos que apelam a novos colecionadores, são obras bidimensionais em impressão fotográfica e em pequenas dimensões compondo edições limitadas de 30 exemplares + 3 provas de artista, estes múltiplos compõem a coleção de edições do Carpe Diem.

O Atelier Concorde é um espaço coletivo de trabalho e um suporte de divulgação e visibilidade dos trabalhos artísticos, sendo um espaço de exposições, concertos, workshops, conversas, residências artísticas, é uma estrutura de produção e de apoio à criação.

A Montra surge em outubro de 2013, pela iniciativa da Escola Arte Ilimitada, tem lugar na montra da loja nº132 na Calçada da Estrela, onde artistas são convidados a proporem as suas intervenções que são contempladas por quem passa na rua, tanto de dia como de noite.

⁴ É possível consultar o historial de exposições do Parkour através da sua plataforma online <http://parkour-lisboa.tumblr.com/>

⁵ O projeto Contentores tem início em 2010 em contentores que são instalados nas Docas de Alcântara.

O projeto *Slow Motion* de Miguel Wandschneider, um projeto que nasce no ano de 2000 e que assenta num ciclo antológico de exposições apresentando as diversas utilizações do vídeo e do super 8, na produção artística portuguesa, desde a década de sessenta. Aconteceu sob a forma de mostras individuais e com uma periodicidade quinzenal com lugar na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e na Galeria de Exposições Temporárias do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. O projeto teve o apoio da Fundação EDP, do Instituto de Arte Contemporânea e da Fundação Calouste Gulbenkian.

É também este o contexto de projetos autopropostos geridos por um curador em se insere o projeto *Estudos do Labirinto* que é objeto desta dissertação.

Neste caso, o projeto *Estudos do Labirinto* é um projeto que tem uma ação independente dos museus onde se insere, proposto pelo seu autor a cada uma destas entidades, e possui uma lógica muito própria mas que desenvolve uma rede de sinergias tornando possível a sua concretização. Esta rede resulta da parceria entre diferentes entidades desde os museus, mecenas e apoios institucionais, todos contribuindo para a construção de um evento singular no campo das artes contemporâneas e que encontra em Belém-Lisboa o seu território, abordando diferentes questões e levando artistas a produzirem obra sobre diferentes espaços museológicos.

Estudos do Labirinto é o que podemos chamar de uma instalação compósita que resulta da intervenção em quatro pontos cruciais, o Museu Nacional de Etnologia, o Jardim Botânico Tropical, o Museu da Marinha e o Planetário Calouste Gulbenkian, estes quatro lugares desenham um sistema expositivo unificador que pertence a um modelo diferenciado de curadoria. Por outro lado, estamos a trabalhar sobre um modelo concreto de produção artística, uma vez que se trata de uma residência para produção de obras de arte colocando os artistas em contacto com cada uma destas estruturas e a sua natureza, convocando um sentido multidisciplinar. É a potência deste encontro que resulta na criação de obra. Este tipo de iniciativas revela um espaço de liberdade criativa que tem um carácter de quase laboratório de experimentação artística e curatorial traduzindo-se na construção de situações expositivas de expressão única.

O programa é desenhado de forma orgânica e estratégica, envolvendo vários processos colaborativos que irão permitir a concretização de conferências, ciclos de filmes, um serviço educativo e o lançamento de uma edição. Neste caso, estes processos colaborativos assentam nos espaços museológicos que recebem a exposição, mas também numa malha social que envolve o projeto criando diversas parcerias quer institucionais, quer com a comunidade. Estas múltiplas parcerias permitem os meios de produção e ao mesmo tempo contribuem para aproximação de um público mais vasto do objeto artístico, aproximando interesses comuns entre a sociedade e a cultura.



|Figura 1: João Maria Gusmão + Pedro Paiva. Vista da Instalação *Eclipse Ocular*. ZDB, 2006.



|Figura 2: Belén Uriel. Material de divulgação da exposição *Lama no Sapato*. Parkour, 2014.



|Figura 3: Bruno Cidra e Gonçalo Barreiros. Vista da exposição *Fazer Andar*. Parkour, 2013.

1.2. UM ESPAÇO PARA PENSAR

«O Mundo dentro de uma gota de água. Uma casa, um jardim, uma montanha ao longe, tudo no interior de uma gota de água. Uma floresta dentro de uma catedral reconstruída até ao infinito. Escondo-me de mim próprio, procuro a beleza e a sabedoria.»

Rui Chafes, *Entre o Céu e a Terra* [2011], Lisboa: Documenta, 2014. p. 44

Um espaço para pensar é a semente lançada para refletir sobre a arte e o lugar. Sobre a relação que existe, em *Estudos do Labirinto*, com os espaços sobre os quais se desenvolve uma residência artística, acolhendo o artista durante o seu processo criativo e, no fim, revelando a sua obra sem a retirar do mundo a onde pertence, para que não sejam aquilo a que Rui Chafes intitula de “peças órfãs”:

«Num museu ou num white cube, estamos num hospital. Um hospital onde chegam as peças órfãs, que perderam o seu sítio e o seu território. Vejo as galerias, os museus e todos os espaços neutros como asilos, hospitais ou clinicas onde chegam as obras muito doentes, que não têm onde cair e já perderam o seu terreno. Há hospitais e clínicas melhores e piores, uns privados, outros públicos, uns com melhores condições do que outros, mas todos têm a mesma função: acolher os pobres desgraçados que estão doentes, separá-los e retirá-los momentaneamente do mundo.»⁶

Ao contrário do ensaio de Brian O’Doherty não estamos perante um “white cube”, como “advento da modernidade”, este projeto curatorial não pretende lançar-se sobre a galeria ideal, subtraindo à arte todos os sinais que possam de algum modo interferir com a relação do espectador com o objeto artístico. Mas sim permitir um território, um manto sobre o qual se constrói um discurso. Há uma relação intrínseca com o lugar, com as reservas, o jardim, os objetos expostos, as imagens de cada lugar e a experiência. De que forma esta experiência, a memória desta experiência poderá ressoar em cada processo criativo?

Heidegger encontrou na paisagem e na sua cabana na Floresta Negra no sul da Alemanha a ressonância entre os seus escritos e a vida na montanha, transferindo a paisagem em palavras.

A cabana foi concebida, em 1922, como lugar de trabalho para Heidegger. Sempre que a sua carreira permitia era aqui que Heidegger passava largos períodos retirado

⁶ CHAFES, Rui. *Sob a Pele* conversas com Sara Antónia Matos. Lisboa: Documenta | Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar, 2016. p.130

nesta cabana que lhe permitia pensar, ler, corrigir textos e escrever. Escrevia os seus textos à mão em folhas de papel soltas, que organizava nas estantes do seu estúdio, adjacentes à sua secretária. Mas também, quando o tempo o permitia, Heidegger gostava de trabalhar num escritório no exterior, instalando uma mesa, passando assim a contemplar os Alpes ou a planície situada frente à cabana. Utilizava também a cabana como base para as suas expedições à Floresta Negra, no inverno esquiava na paisagem circundante, preparava no outono a lenha para os dias e noites frias, recebia visitas de pequenos grupos de amigos e colegas mas também de alunos, aliás, no verão realizava seminários permitindo que os alunos acampassem próximo à sua cabana e desenvolvendo tertúlias nocturnas em torno do fogo.

A cabana era um refúgio de concentração solitária. Nas montanhas a vida e o refúgio conduziam à filosofia como ofício levando Heidegger a textos como *Construir habitar pensar*.

É, neste caso, fundamental perceber a importância do espaço e do lugar como influência no pensamento e no processo criativo do artista. Cada lugar é composto por uma complexa constelação que nos permite alimentar e contagiar o processo criativo.

Vejamos, por exemplo, o caso de Hélio Oiticica. Artista brasileiro, conseguiu depurar de forma genial a sua experiência de lugar, neste caso a estética das favelas, sem representar formalmente o que viveu na Mangueira. Hélio Oiticica descobriu a favela da Mangueira (Rio de Janeiro) em 1964, altura em que rompeu com as barreiras da cultura burguesa. Toda a experiência que ali viveu marcou definitivamente o artista que foi.

O *Parangolé*, foi a manifestação inicial deste novo percurso do artista, transformando o espectador passivo num espectador ativo, exigindo deste a performatividade para que a peça existisse. Era uma clara influência das escolas de samba e do conceito de abrigo. Mas são com os *Penetráveis* que Oiticica chega à “arquitetura”. Como o próprio artista dizia «Aspiro ao grande labirinto», o que decorria claramente da sua experiência nas favelas, afinal qualquer um se perde facilmente numa, o ziguezague necessário para a percorrer assemelha-se ao samba dançado. Os seus primeiros *Penetráveis* datam de 1960 e têm um claro carácter de labirinto, os posteriores possuem um carácter móvel e é esse carácter móvel que dá o sentido labiríntico. Aqui o labirinto como labirinto já não aparece, é apenas virtual. Introduce portas e placas giratórias, o espectador que já podia entrar nos seus trabalhos, poderia agora manipulá-los, escolher o próprio percurso. O espectador passava assim a ser construtor dos seus próprios labirintos. Temos então *Penetráveis* formalmente menos labirínticos e virtualmente mais labirínticos.

Com o projeto *Tropicália*, Oiticica funde os conceitos dos *Penetráveis* com o dos *Parangolés*. O *Parangolé* que fora a semente, do conceito de abrigo, e agora *Tropicália* é o conceito do morro, nasce da experiência da urbanidade da Mangueira. Composto por dois penetráveis e um cenário tropical com plantas e araras. Não há muito tempo, podemos ter a experiência de vivenciar a *Tropicália* de Hélio Oiticica e de dar vida ao *Parangolé* na exposição Hélio Oiticica – *O Museu é o Mundo* de 2013 no Centro Cultural de Belém em Lisboa.

No panorama da arte contemporânea portuguesa podemos destacar Alberto Carneiro, como um dos exemplos. Na sua obra o artista revela a experiência do lugar/natureza, levando esta mesma experiência, da qual nasce o objeto artístico, para o espaço galeria, como podemos analisar no *Canavial* de 1968 e exposto recentemente em 2014 na Culturgest de Lisboa. No *Canavial* existe uma clara convocação no espaço artístico através de elementos vegetais, que embora não sejam transformados em objetos escultóricos, são interpretados como envolvimento artístico ao serem deslocados do ambiente natural para o espaço galeria, obrigando o espectador a um papel ativo, tendo que ocupar esse espaço do corpo ausente, deambulando por entre canas lembrando memórias através dos sentidos. São obras que denunciam uma relação física entre matéria/espaço e corpo. Como diz Alberto Carneiro:

«A matéria e a minha vida com ela na formulação do meu próprio ser. A natureza sonha nos meus olhos desde a infância. Quantas vezes adormeci entre as ervas? A minha primeira casa foi em cima da cerejeira que hoje é uma escultura. Entre o meu corpo e a terra houve sempre uma identidade profunda. A floresta ou a montanha que eu trabalho num tronco de árvore ou num bloco de pedra fazem parte integrante do meu ser.»⁷

É através da experiência que nos instruímos, e a obra de arte permite ao artista conhecer-se, superar-se pelas descobertas que faz ao realizá-la. Outro exemplo é o de Gabriela Albergaria, uma artista que trabalha as questões da paisagem artificial, interessando-se pela paisagem ficcionada e não pela natural. Trabalhou diversos jardins, estudando-os, tentando perceber a relação do jardim com a comunidade, a passagem do tempo, o jardim como símbolo de poder. No seu trabalho é fundamental a ação do corpo no espaço, a envolvimento de todos os sentidos e é após esta experiência com o lugar, que trabalha a sua linguagem onde pode integrar detalhes ou uma técnica de jardinagem, mas sempre trabalhando a partir da memória de uma paisagem ficcionada. Como refere Miguel von Hafe Perez no texto que escreveu sobre a exposição *Reconhecer – Um Lugar* na Galeria António Henriques:

⁷ CARNEIRO, Alberto. *Notas para um Diário*, 5 Maio de 1965

«(...) a concretização de obras em diferentes suportes reiteram um mesmo propósito: o de se movimentar numa plataforma erigida a partir de uma memória da natureza, dimensionada a partir de um variado leque de experiências, sensações e representações primárias em forma de esboço, para a partir daí poder sintetizar visualmente estruturas iconográficas que assim se demarcam de um verismo empobrecedor. Os seus desenhos, fotografias ou modelos tridimensionais correspondem, então, a visões de certa forma idealizadas de uma natureza que a artista domestica a partir da sua própria subjectividade e do seu próprio corpo, ou seja, mediante percepções que a passagem do tempo, o lastro das emoções e o exercício da razão acabam por filtrar.»⁸

Neste sentido, o processo criativo de Gabriela Albergaria tem como base primordial a sua experiência com o lugar.

Estudos do Labirinto é um projeto que pretende aceder, através da arte, à dimensão escondida das coisas, do mundo em geral. Como nenhuma outra disciplina, a arte tem essa capacidade de revelar, revelar um lugar ou uma determinada temporalidade que se torna, através de si, intemporal. As residências artísticas confrontam a arte contemporânea com diferentes lugares e disciplinas: a etnologia que introduz questões antropológicas para o pensamento e criação através da definição cultural, da memória e da tradição dos rituais e hábitos de vida. A botânica e a arquitetura paisagística, neste último caso a ficção da paisagem e a subversão da natureza ao sentido estético do homem ou a questões de poder social. O mar e o seu universo como potencial poético além de elemento de definição da história de um povo ou como campo material quase intransponível e gerador de diferentes arquétipos de superação. A astronomia como campo de expansão e do desconhecido.

Os espaços museológicos ganham uma nova leitura e novos públicos, sendo um evento que promove a fruição de conhecimento e a sensibilização ao universo da arte contemporânea. É também objetivo, dentro de um projeto coeso, dar a conhecer espaços museológicos de importante valor nacional e mesmo internacional mas que de alguma forma se encontram esquecidos, como o Museu Nacional de Etnologia com médias baixíssimas de visitantes diários, ou o Jardim Botânico Tropical que é desconhecido por grande parte dos habitantes Lisboetas. Ao mesmo tempo, criar outras formas de relação com museus tão populares como o Museu de Marinha, sem esquecer a experiência ímpar de ter uma projeção cuidadosamente desenhada, por artistas, para a cúpula do Planetário Calouste Gulbenkian.

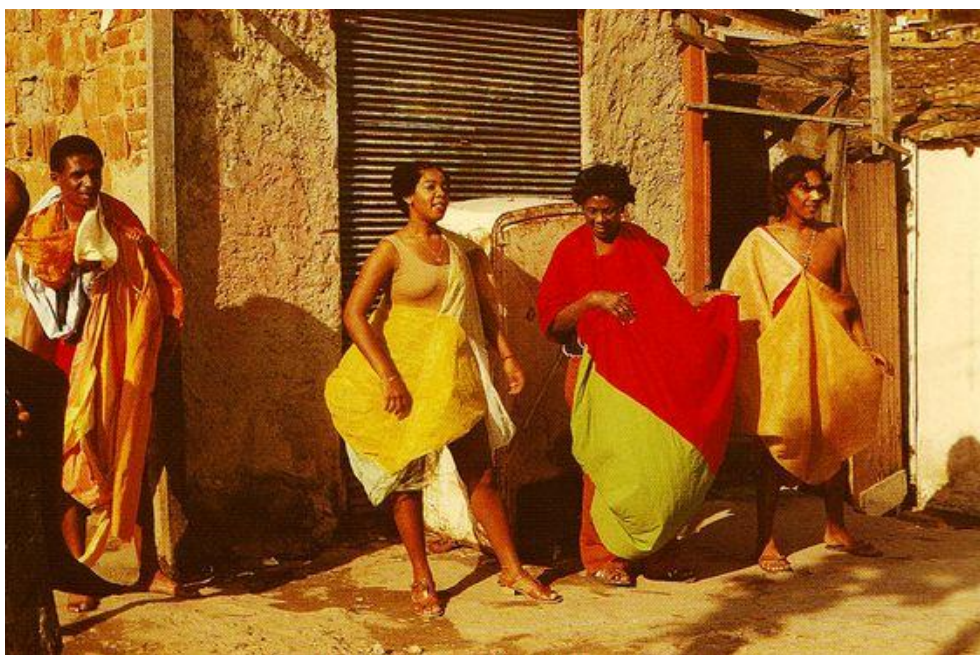
⁸ ALBERGARIA, Gabriela. *Reconhecer – Um Lugar*, textos de Miguel von Hafe Perez. António Henriques Galeria de Arte Contemporânea, 2014. p.33



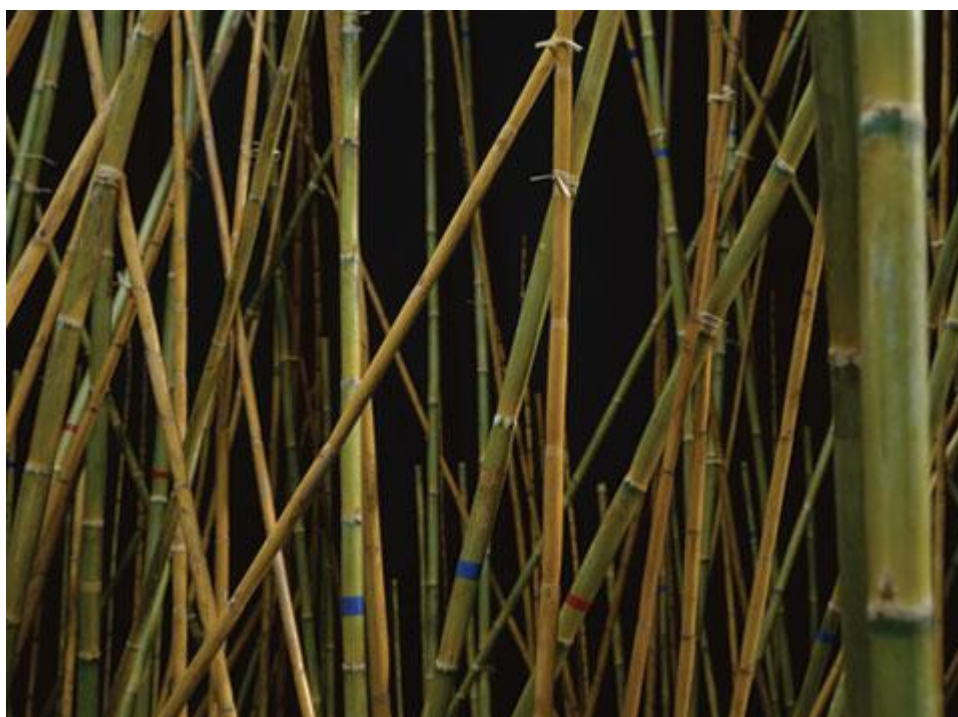
[Figura 4: A cabana de Heidegger em 1968.



[Figura 5: O escritório de Heidegger na Cabana.



|Figura 6: Hélio Oiticica. *Parangolé. Mangueira*, 1965.



|Figura 7: Alberto Carneiro. *O canival: memória metamorfose de um corpo ausente*, 1968.

1.3. A IMAGINAÇÃO POÉTICA⁹

“A arte será sempre a fricção entre o mundo interior e o mundo exterior. A capacidade de transformar esse conflito numa forma possível é o trabalho dos artistas e dos poetas. Mas esse trabalho tem de ser feito segundo os valores mais antigos e eternos: «bravura, nobreza e entrega». Que ninguém se iluda, os covardes não têm acesso à Beleza.”

Rui Chafes, *Entre o Céu e a Terra* [2011], Lisboa: Documenta, 2014. p. 42

A *imaginação poética* remete-nos para o mundo sensível da criação artística, para o discurso de cada artista. É também o espaço encontrado para a justificação de uma escolha, a do corpo de artistas que integra o projeto *Estudos do Labirinto*.

Para falarmos de *imaginação poética* temos que falar de Gaston Bachelard que trás à discussão a “imensidão íntima”, e refere-se a esta como uma categoria filosófica do devaneio, ao devaneio como aquele que se alimenta de espetáculos variados, ao mesmo tempo que contempla a grandeza. «(...) a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito.»¹⁰

Em George Bataille, o primeiro sinal sensível que nos chega do homem e da arte¹¹ é da caverna de Lascaux, no vale do Vézère, revelando diante de nós o “signo do infinito”. «A luz que nos chega de Lascaux é a aurora da espécie humana»,¹² situa-se no começo da humanidade consumada, na primeira parte da idade a que a Pré-História chamou de Paleolítico Superior. Foi nesta gruta que o homem criou o mundo da arte. É nas profundezas da terra, desta caverna, que somos

⁹ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.12

¹⁰ Ibid., p.189.

¹¹ Quando se faz referência ao primeiro sinal sensível, estamos a abranger o período em que o Paleolítico Superior se insere, e como tal não deixamos de fora a mais recente descoberta, a 18 de Dezembro de 1994, que se prende com a Caverna de Chauvet, em Ardèche, Sul de França. Esta Caverna surge no cimo de um penhasco, associada a uma belíssima paisagem natural desenhada por um rio e pelo imponente Pont d’Arc, que terá sido um possível marco na imaginação do homem que habitou esta caverna que abriga uma valiosa mostra de arte primitiva com mais de 35 mil anos, representando assim mais um assombroso episódio do nascimento da arte no Paleolítico Superior. (ver *A Caverna dos Sonhos Esquecidos* de Werner Herzog.)

¹² BATAILLE, Georges. *O Nascimento da Arte*. Lisboa: Sistema Solar, 2015 p.15

transfigurados pela visão do mais distante, uma visão que nos chega inalterada pela interminável duração dos tempos.

Em Lascaux, perante esta descoberta arrasadora, com idade que atinge cerca de vinte mil anos, as pinturas têm a frescura da modernidade. Esta extraordinária caverna não pode deixar de transtornar quem a descobre, e nunca deixará de responder a essa expectativa de milagre que é, na arte ou na paixão, a mais profunda aspiração da vida. Foi aqui, que a humanidade mediu pela primeira vez a extensão da sua riqueza, do poder que tinha em chegar ao inesperado, ao maravilhoso, de transgredir.

É o estado de transgressão que comanda o desejo, a existência de um mundo mais profundo, de um mundo sagrado. A transgressão, só existe quando a própria arte se manifesta, traduz-se em formas prodigiosas como a poesia, a música, a dança, a tragédia ou a pintura, é a imaginação poética que transpira em cada uma destas formas.

Esta transgressão ganha a forma de obra de arte, e é através dela que nos conhecemos ou que nos superamos. A origem da obra de arte é o artista, mas também é verdade que o artista só o é, porque a obra de arte existe e como diz Martin Heidegger «Nenhum é sem o outro.»¹³ ou seja, «a origem da obra de arte e do artista é a arte. A origem é a proveniência da essência (...)»¹⁴ e esta essência revela-se no acontecimento da obra que conduz ao estado de transgressão. A obra de arte é a revelação, a verdade que nasce como filha de um combate original entre a “clareira” e a “ocultação”, entre o “sagrado” e o “profano” dando luz ao ser e resplandecendo o belo.

Os gregos, que percebiam alguma coisa de arte, determinam no seu uso linguístico a mesma designação para artista e artesão, *téchnè*, assim como a mesma designação para manufatura e arte. Essa nomeação, segundo Martin Heidegger, não tem por base nem questões de manufatura, nem questões de trabalho técnico mas estão relacionadas com o saber, o saber como ter visto, mas no real sentido do ver, saber como aprender, como conhecimento, sendo que a essência do saber, no pensar grego, está relacionada com a desocultação do ser, é trazer presente. E este trazer presente, esta desocultação da verdade é a beleza e é na sua essência que a poesia acontece, na medida que se poetiza.

«A essência da arte é a Poesia. Mas essa essência da Poesia é a instauração da verdade. Entendemos aqui este instaurar em sentido triplo: instaurar como oferecer, instaurar como fundar e instaurar como começar. Todavia, a instauração só é real na salvaguarda. Por isso, corresponde a cada modo de instaurar um modo de

¹³ HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70 Lda. p. 9

¹⁴ *Ibid.*, p. 47

salvaguardar»¹⁵ E é neste modo singular de instaurar a verdade que o artista assegura a sua diferenciação, a sua singularidade estética e poética.

No projeto *Estudos do Labirinto* a escolha de cada artista acontece após a compreensão do seu universo, da sua essência poética, do seu processo de criação e de como ao potenciarmos o encontro entre o artista e o lugar podemos criar relações pertinentes, ricas e profícuas.

Após a investigação em torno de alguns artistas que integrassem o desenho deste *Estudos do Labirinto*, o convite foi feito a Francisco Tropa e Teresa Carepo para o Museu Nacional de Etnologia, Armanda Duarte e Nuno Vicente para o Jardim Botânico Tropical, Belén Uriel e Ana Santos para o Museu de Marinha e a dupla Pedro Paiva e João Maria Gusmão para o Planetário Calouste Gulbenkian.

Tomemos numa análise mais detalhada o universo de Francisco Tropa, o artista convidado a integrar a residência artística no Museu Nacional de Etnologia. Ao longo do seu percurso, Francisco Tropa tem vindo a tratar o que podemos chamar de primitivismo na arte contemporânea, revelando uma “cosmologia alegórica” que surge como uma meditação em torno do artista e da natureza do seu processo criativo, contemplando ao mesmo tempo preocupações estruturais sobre o que tem ajudado a definir o Homem, e que são portanto, questões transversais, a que Nuno Faria chamou de “convivências de épocas”¹⁶, onde existe um “abalar da noção de contemporaneidade”.¹⁷ Dentro destas preocupações estruturais está a relação do Homem com a morte, e claro a relação da morte com a arte. O trabalho do artista tem vindo a habitar um território convencionalmente chamado de escultura, fazendo uso de objetos, técnicas e matérias que imediatamente associamos a essa ideia de escultura, como os moldes, a fundição ou o bronze. No entanto, é de salientar que, o artista trabalha num registo alargado, recorrendo a variadíssimas técnicas consoante o projeto em que está a trabalhar. O próprio afirma que tudo está em aberto, há um constituir do ser no fazer. Ainda dentro da ideia da escultura identificamos também convenções dessa natureza, no caso, sistemas de encaixe e de moldagem, que invocam questões da ordem do positivo e do negativo, e que podemos observar em projetos como *Tesouros Submersos do Antigo Egipto*, assim como questões do masculino e do feminino, que se encontram inerentes a estes sistemas de encaixe, mas também sobre a forma de Vénus ou do Gigante em *A Assembleia de Euclides*. Por outro lado muitas das peças que Francisco Tropa apresenta, servem-se de técnicas de escultura ancestrais, como é o caso da fundição de bronze, que era

¹⁵ Ibid., p.62

¹⁶ Nuno Faria sublinhou recentemente a “convivência de épocas”, o “abalar da noção de contemporaneidade” traduzidos pela obra de Francisco Tropa. Ver Nuno Faria, *De uma visão outra*, in AA. VV., *Caminos. Arte Contemporâneo Português*. Colección Caixa Geral de Depósitos. Adquisiciones 2005/2006, Lisboa: Culturgest, 2006. pp.99-101

¹⁷ Ibid.

empregue tanto pelos sumérios como pelos egípcios, mas também identificando matérias como madeira, areia e barro que associamos ao fabrico dos primeiros utensílios utilizados pelo Homem. Curiosamente, há algo de muito antropológico em todo o trabalho do artista, à semelhança com os símbolos que são muito pensados a partir da antropologia e sobretudo no que toca às religiões.

Assim, tal como Francisco Tropa cada um dos intervenientes encontra nesta residência formas e pontos de concordância permitindo que trabalhem sobre o lugar, este exercício é como refere Alberto Carneiro «*investigar, desconstruir e afirmar* esta ou aquela ordem cabe ainda na experimentação que fazemos quando criamos, isto é, quando buscamos superar a nossa própria ordem das coisas, no sentido de lhes encontrarmos outros significados, outros enquadramentos espaço/temporais, quando buscamos aquilo que diga algo mais e que se questione no seio da coisa por nós criada. Investigar pressupõe a dúvida sobre o que se sabe e o que se busca, não como afirmação mas sim como comunicação. Quando criamos começamos com *quê e como?* Temos, é certo, o quadro referencial do que pensamos dominar e saber. (...) Experimentamos para fazer aparecer algo que nos proporcione a verificação de um real que sabemos ser impossível de circunscrever num espaço determinado e fechar num tempo dado.»¹⁸

Teresa Carepo é a artista que também reside no Museu Nacional de Etnologia. O seu sóbrio discurso constrói-se através da matéria, seja ela a madeira, o pó de pedra, o pano de algodão, o chumbo ou a linha. Existe uma constante tensão entre o peso e a leveza, um equilíbrio que é levado ao limite. A poética que Teresa Carepo tem um carácter antropológico na escolha da matéria e um gesto construtivo, encontrando nas Reservas Rurais o seu lugar para investigar diálogos e sistemas.

Armanda Duarte e Nuno Vicente têm no seu trabalho uma relação particular com o lugar e a paisagem, são os artistas convidados a residir no Jardim Botânico Tropical. Armanda Duarte detém uma particular subtileza na sua obra, composta por delicados desenhos no espaço impregnados de gestos como guardar, escolher, dispor. Recentemente o Pavilhão Branco do Museu da Cidade, em Lisboa, recebeu a sua exposição *Tambor*. Esta exposição resultou da experiência do lugar, essa experiência é relatada por Luísa Soares de Oliveira no artigo que escreveu para a *Ípsilon* :

«Fala ela de um portão que se abre numa via recta, ladeada à direita por relvado e à esquerda por denso arvoredo a rodear aquele edifício. Fala também da presença constante do som: o ruído incómodo do trânsito que ressoa no piso elevado da circular contrapondo-se aos gritos dos pavões, e serve-se de palavras como “*masquant*” e “*masqué*” para significar a sobreposição autoritária do primeiro sobre

¹⁸ CARNEIRO, Alberto. *Experimentar a Dúvida* in Espaço Arte Contemporânea, coordenação e edição de Sara Antónia Matos. Montemor-o-Novo: Oficinas do Convento, 2009. p.39

os segundos.» Nesta exposição, Armanda Duarte trás o desenho ao espaço, através de um corpo de arame. Este arame vislumbra-se nas duas salas do piso térreo do Pavilhão Branco, mas é quando ascendemos ao primeiro piso que nos apercebemos que esse arame nos convida a interagir, quando o puxamos um chocalho soa, e ressoa. O espaço é inundado por som. No piso térreo, existe ainda um espaço interior, uma quase compartimento de arrumos, lá encontramos o que poderíamos chamar de relíquias de um lugar, ou de trazer a estrutura desse lugar para o interior. Aqui, a experiência do lugar está intrinsecamente relacionada com a origem do discurso artístico de Armanda Duarte que tem o seu eco no Pavilhão Branco.

Quanto a Nuno Vicente, o artista tem um especial interesse por fenómenos naturais mas também pelo tempo. O tempo é um elemento constituinte da sua obra e do seu processo recorrendo a diferentes meios para o tornar presente no seu discurso, é o caso da manipulação de fosséis em *Homenagem a Ilya Prigogine - ricochete de fosséis sobre água* (2014), ou a ação de desgaste de matérias em *Gutta cavat Lapidem* (2008), ou ainda a peça em bronze exposta no Museu da EDP, paralela ao Rio Tejo (*Sombra de um rio em contracorrente – Homenagem a Heráclito*, Prémio Novos Artistas Fundação da EDP, 2015) e que através da ação do sol, em determinada fase do dia, transformava-se num pequeno curso de água do rio. O léxico de Nuno Vicente é plural colocando ao dispor da sua poética filmes, projeções, som, esculturas, texto e sistemas mecânicos e/ou eletrónicos. Esta pluralidade e sensibilidade para o universo natural faz de Nuno Vicente o convidado a residir no Jardim Botânico Tropical.

Belén Uriel convidada a residir no Museu de Marinha possui um trabalho maduro de espantosa beleza e ironia. Teve a sua exposição *segunda-feira* na Culturgest, onde apresentou um riquíssimo discurso composto por peças que datam de 2012 até a peças inéditas, desenvolvidas em específico para esta exposição. «As obras de Belén Uriel estão frequentemente indexadas a objetos reais (por exemplo, elementos de arquitetura ou de mobiliário), transformando-os, de forma radical e subtil»¹⁹. Partindo dos objetos criados por Belén Uriel traçasse um diálogo crítico, esta dinâmica de ação e criação é convocada a este museu.

Ana Santos divide a sala expositiva do Museu de Marinha com Belén Uriel. A relação corporal com os materiais seja a balsa, o chumbo ou outro, bem como as estruturas que emergem desses mesmos materiais refletem a primazia do corpo, a disponibilidade para aceitar o acaso. Existe um diálogo, «a noção de colaboração com os materiais»²⁰ e neste sentido o encontro com o Museu de Marinha será um potenciador de matérias e naturezas para o seu discurso.

¹⁹ BELÉN, Uriel. *segunda-feira* (exposição) texto e curadoria Miguel Wandshneider, 2016.

²⁰ SANTOS, Ana. *Corpos imanentes* de Bruno Marchand in *Trabalho*. Catálogo do Projeto de exposições Chiado 8, (2009-2012). p. 4

A dupla Pedro Paiva e João Maria Gusmão é a escolha para a residência artística no Planetário Calouste Gulbenkian, tendo em atenção o discurso que têm vindo a desenvolver desde 2001. Os artistas, fascinados pelo desconhecido, possuem um dos trabalhos artísticos mais estimulantes do panorama português. Fazem uso de diferentes *media* na construção das suas ficções mas é sobretudo o trabalho desenvolvido no campo cinemático que faz desta dupla a escolha justa para a criação da peça a ser projetada na cúpula do planetário. A sua linguagem enigmática e pautada de humor questiona o conhecimento empírico e a metafísica existencial recorrendo ao filme de 16mm, fotografia e instalação.

No projeto *Estudos do Labirinto* há um outro espaço de autoria, que não o do artista, e que assenta em promover um discurso especializado através de investigadores/ensaístas convidados a refletir sobre a intervenção dos artistas nos diferentes lugares, sendo definido um autor por lugar, quatro na totalidade. A escolha de cada um destes autores foi feita em conjunto com os artistas, tendo em atenção relações pré-existentes ou o desejo de que alguns destes autores refletissem sobre a obra do artista. A equipa de investigação surge assim composta por: Maria Filomena Molder, Mattia Denisse, Miguel Wandshneider e Tomás Maia, alguns destes nomes ainda por confirmar. A constituição desta equipa de trabalho trás ao projeto *Estudos do Labirinto* distintos campos do pensamento e da arte, permitindo a criação de diferentes leituras e caminhos.

Estudos do Labirinto promove a partilha de conhecimento, não só através da exposição mas também do ciclo de conferências, do ciclo de filmes, do serviço educativo, de ateliers para jovens institucionalizados, e do lançamento de uma publicação. Um programa cultural diversificado e que opera com diferentes questões construindo um desenho rico no panorama da arte contemporânea e da cultura em geral, ao confrontar arte e entidades museológicas com missões distintas gerando um campo poético e estético para a partilha de todos.

2. EXPERIÊNCIA SIMILAR EM PROJECTOS IDÊNTICOS

2.1. DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO: Caracterização



|Figuras 8 e 9: Material de divulgação da exposição *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO*, 2014.

DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAIA DO TEJO consistiu uma residência artística, que se debruçou sobre a singularidade de um território marcante no panorama nacional, a antiga Cuf, Companhia União Fabril, do Barreiro, atual Baía do Tejo. Nesta residência convidaram-se seis artistas a desenvolver trabalho durante meses sobre um território demarcado e devidamente contextualizado. O período das residências contou com o apoio de um atelier comunitário no interior da Baía do Tejo, e uma área de intervenção para cada artista. O Centro de Documentação bem como o Museu Industrial foram espaços possíveis de investigação. Constituiu-se como uma residência transversal no sentido que albergou diversas disciplinas e práticas artísticas, desde o desenho à escultura, fotografia, vídeo, instalação, e construção sonora pretendendo desta forma culminar numa exposição que deu a ver o lugar e novas leituras sobre o mesmo, leituras essas que surgiam ao longo de um percurso interior e exterior.

Para a concretização do projeto foi necessário criar uma associação sem fins lucrativos a Lugar, Tempo e Discurso – Associação, que se faz representar sob a marca Casinfância. Esta associação permitiu gerir toda a estrutura jurídica e

financeira que o projeto envolveu e foi através dela que as candidaturas a concursos foram realizadas, foi o caso da candidatura entregue à Fundação Calouste Gulbenkian e que obteve a atribuição do apoio destinado ao projeto. O projeto não teria sido possível senão assentasse sobre o desenho estratégico de uma rede de apoios entre os quais se insere, além da Fundação Calouste Gulbenkian a Baía do Tejo S.A como mecenas e parcerias estabelecidas para dar resposta a questões de produção, divulgação e logística, como foi o caso da Gamut, Papelaria Universal, Umbigo, EGEAC, Fundação da Juventude e Câmara Municipal do Barreiro e Fórum Barreiro.

A divulgação do evento contou com *plataformas online*²¹ alimentadas ao longo do período de residências com registos fotográficos e elementos do arquivo da CUF, sendo que o processo de divulgação em colaboração com os *media* teve início com as residências e seguiu um plano de comunicação devidamente delineado até ao final do evento.

Na inauguração, e durante o tempo de exposição, cada visitante recebeu um mapa que indicava as intervenções, o percurso onde cada intervenção surgia devidamente identificada, assim como as regras da visita, mantendo as questões de segurança salvaguardadas. O ponto de encontro foi o Museu Industrial a partir do qual cada grupo de visitantes iniciava o seu percurso acompanhado por um guia devidamente formado para o efeito. É de sublinhar que dada a natureza do lugar, um território industrial, que reveste-se de alguns perigos e portanto toda uma estrutura logística e de segurança foi delineada.

A par da exposição foi desenvolvido um programa que teve início ainda antes da inauguração através de um Studio Visit, onde diversos agentes do campo artístico visitaram o território tendo contacto com as intervenções e os artistas. Este programa era também composto por um serviço educativo com ateliers desenvolvidos especificamente para o lugar e estruturados por Sara Chang Yan e Joana Costa Fonseca abordando questões do desenho e da escultura respetivamente. Uma conferência final, no Museu Industrial, contou com a participação dos artistas e curadoria discutindo a relação entre o lugar e o discurso artístico.

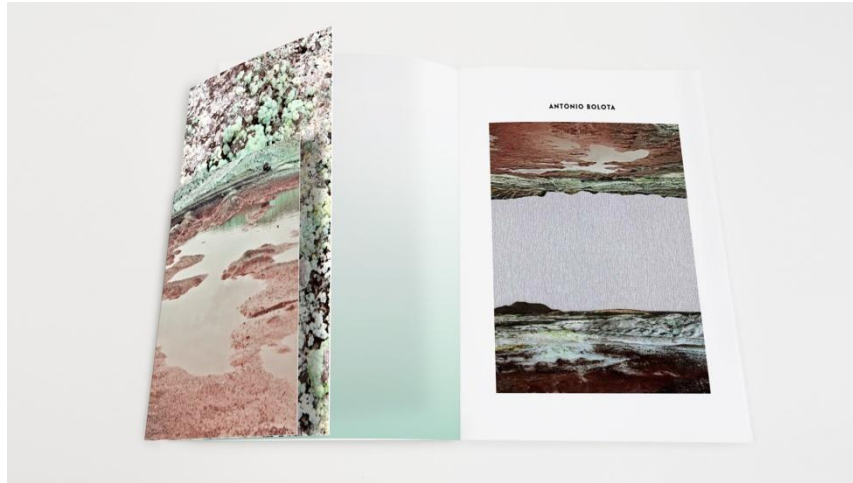
A exposição esteve patente ao público durante um mês e contou com cerca de 438 visitantes, e com uma excelente repercussão nos media através do Expresso, Público, Umbigo, Jornal de Negócios, Jornal de Notícias, Antena 1, Time Out entre outros.

²¹ Plataformas online para a divulgação do projeto que podem ser consultadas em: site <http://www.dafabricaquesvaneceàbaíadotejo.pt>; facebook <https://www.facebook.com/casinfancia>.

2.2. Publicação

Em Fase de Produção

DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO



|Figuras 13: Imagem da Maqueta do Livro *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO*, 2015

Esta publicação em parceria com a editora Documenta é desenhada pelo coletivo de designer Vivóeusébio e encerra o projeto *da fábrica que desvanece à baía do tejo* resultando num híbrido entre o livro de artista e uma edição que regista o processo da construção de instalações provisórias, com fim expositivo, no sistema da arte contemporânea. Para este livro voltámos a convidar os seis artistas: António Bolota, Dalila Gonçalves, Martinha Maia, Projecto Teatral, Ricardo Jacinto e Valter Ventura a desenvolverem uma nova peça exclusiva, além de seis ensaios escritos por críticos e curadores convidados a refletir sobre a obra desenvolvida por cada um dos artistas.

A publicação encontra-se em fase de produção contando com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Baía do Tejo S.A., Câmara Municipal de Lisboa, Câmara Municipal do Barreiro, Posto de Turismo do Barreiro, União de Freguesias do Barreiro e Lavradio, União de Freguesias de Santo André, Verderena e Alto Seixalinho, Galeria Via-Ideia e International House. Estima-se que o lançamento irá ocorrer entre Fevereiro e Março de 2017.

2.3. SERVIÇO EDUCATIVO

DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO

13 SET. – 11 OUT. 2014

PROGRAMAÇÃO

Studio Visit

11 de Setembro às 17h

Exposição

De quarta a sexta-feira às 17h;
sábados e domingos às 10h30 e 17h

Ateliers no Museu Industrial

Dirigir um sentido

Desenho por Sara Chang Yan

Andar sobre uma linha, que relaciona o espaço, os objetos e a perceção, entre o mover-procurar e o parar-contemplar. Até um momento, uma relação, um estado, uma visão, algo aparecer para ser desenhado.

Sábado, 27 de Setembro, das 10h às 13h

Destinatários > 16 anos

25€ Marcação prévia

Mínimo: 6 participantes

Máximo: 10 participantes

Sublinhar a Paisagem

Escultura por Joana Costa Fonseca

O encontro com um objeto do lugar e outro, transportado de outro lugar, de casa, do jardim... Sobrepô-los. Intersectá-los. Reagir. Intervir no lugar.

Sábado, 4 de Outubro, das 10h às 13h

Destinatários > 16 anos

25€ Marcação prévia

Mínimo: 6 participantes

Máximo: 10 participantes

Conversa com os Artistas

Conferência

Sábado, 11 de Outubro, das 18h às 19h30

Entrada Livre

www.dafabricaquesdesvaneceabaiadotejo.pt

Casinfância

www.casinfancia.com

info@casinfancia.com

Museu Industrial

Parque Empresarial Baía do Tejo (Quimiparque)

Rua 44, 2830-904 Barreiro

Tel. 21 206 77 09

Mecenatos:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



PAPELARIA
Universal

Apoio:



EGEAC

Apoios à divulgação:



umbigo



|Figura 14: Programa da exposição *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO*, 2014.

2.4. DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

2.4.1. APOIOS E SUBSÍDIOS

Fundação Calouste Gulbenkian
Baía do Tejo S.A.
Câmara Municipal de Lisboa
EGEAC
Fundação da Juventude
Papeleria Universal
Câmara Municipal do Barreiro
Fórum Barreiro
União de Freguesias do Barreiro e Lavradio
Umbigo
Documenta

2.4.2. COMUNICAÇÃO

IMPRENSA DE REFERÊNCIA



PARCERIA DE MEDIA



RÁDIO



[Figuras 15, 16 e 17: Material Publicado sobre a exposição *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAIÁ DO TEJO*, 2014.

37 Notícias

45.000€ (aprox.)* – Retorno Editorial

*(números aproximados calculados através dos valores das tabelas de publicidade)

LISTAGEM DE NOTÍCIAS

1. (PT) 18.05.2014 – Notícias Magazine – DN (print) -“Portugueses_Extraordinários”
2. (PT) 18.05.2014 – Notícias Magazine – DN (net) - “Portugueses_Extraordinários”
3. (PT) 23.05.2014 – Rostos (net) - “Cláudia Ramos está a transformar a zona industrial do Barreiro num território artístico.”
4. (PT) 23.05.2014 – Rostos (net) -“Cláudia Ramos está a transformar a zona industrial do Barreiro num território artístico.”
5. (PT) 20.08.2014 – Lusa (agência) - “Da fábrica que desvanece à Baía do Tejo – Residências Artísticas”
6. (PT) 20.08.2014 – Fenther (net) - “Da fábrica que desvanece à Baía do Tejo – Residências Artísticas”
7. (PT) 20.08.2014 – Oeste Global (net) - “Da fábrica que desvanece à Baía do Tejo – Residências Artísticas”
8. (PT) 20.08.2014 – DN (print) - “Da fábrica que desvanece à Baía do Tejo – Residências Artísticas”
9. (PT) 02.09.2014 – Flagra (net) - “Da Fábrica que Desvanece à Baia do Tejo de 13 Set. a 11 de Out.”
10. (PT) 02.09.2014- Umbigo Magazine (net) - “Da fábrica que desvanece à Baía do Tejo”
11. (PT) 03.09.2014 – Rostos (net) - “«Da fábrica que desvanece à Baía do Tejo» Alberga desde o desenho à escultura...”
12. (PT) 03.09.2014 – Cardapio (net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo – Residência Artística”
13. (PT) 05.09.2014 – Barreiro Web (net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
14. (PT) 10.09.2014 – Time Out Lisboa (print) - “Inauguração: Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
15. (PT) 12.09.2014 – Jornal de Negócios (print) - “Cláudia Ramos: Este território industrial estava a caminhar para o silêncio”
16. (PT) 12.09.2014 – Jornal de Negócios (web) - “Cláudia Ramos: Este território industrial estava a caminhar para o silêncio”
17. (PT) 12.09.2014 – Estado da Arte – Antena 1 (radio) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
18. (PT) 12.09.2014 – Ipsilon – Público (print) - “Vamos visitar a CUF (em escultura, desenho e fotografia)”
19. (PT) 12.09.2014 - Público (net) - “Vamos visitar a CUF (em escultura, desenho e fotografia)”
20. (PT) 12.09.2014 – Destak (print) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
21. (PT) 12.09.2014 – Mais – Jornal i (print) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
22. (PT) 12.09.2014 – Jornal i (net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
23. (PT) 13.09.2014 – Atual – Expresso (print) - “Memórias na Paisagem”

24. (PT) 13.09.2014 – Filofax – Radar FM (radio) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
25. (PT) 13.09.2014 – TSF notícias (radio) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
26. (PT) 13.09.2014 – Observador (net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
27. (PT) 14.09.2014 – Rostos (net) - “A actividade cultural vai para além do território do Barreiro”
28. (PT) 15.09.2014 – Cartaz – Sic (TV) - Agenda
29. (PT) 15.09.2014 – Antena 1 notícias (radio) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
30. (PT) 15.09.2014 – Guia do Lazer – Público (net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
31. (PT) 15.09.2014 – Cultura de Borla (net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
32. (PT) 19.09.2014 - P3 – Público (net) - “A residência, a fábrica e o Tejo”
33. (FR) 20.09.2014 – Lunettes Rouges – Blogs Le Monde (net) - “Rentrée au bord du Tage”
34. (PT) 27.09.2014 – Making Art Happen net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
35. (PT) 27.09.2014 – Miss Dove Taste of the Day (net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
36. (PT) 10.10.2014 – Preto Marfim (net) - “Da Fábrica Que Desvanece À Baía Do Tejo”
37. (PT) 10.10.2014 – Rostos (net) - “Projecto de residências artísticas no Parque Empresarial do Barreiro. Últimos 3 dias de...”

CAPÍTULO II

ESTUDOS DO LABIRINTO – PROJETO CURATORIAL

1.1. O CONCEITO DE RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

O conceito de residência artística insere-se numa lógica de consagração cultural oficial dentro do sistema da arte contemporânea.

É um evento que atua no campo económico, político e cultural, com uma forte componente de dimensão experimental diretamente ligada à comunidade artística.

A residência artística é um dos principais *modus operandi* dos finais do século XX e sobretudo do século XXI, sendo para o artista “sinónimo de investigação e de estar no mundo”²². Permite a mobilidade dos artistas para campos de ação particulares e de acordo com um determinado espaço temporal, em que o artista irá produzir obra. Por outro lado, contribuí para práticas colaborativas que se relacionam com a comunidade e sensibilizam diversas entidades investidoras acerca da sua relevância, fomentando novas práticas e relações mobilizando apoios específicos, equipas especializadas e meios logísticos.

Numa primeira aproximação, simplificadora, a residência artística aqui abordada é composta por três momentos distintos: investigação, produção artística e atividade expositiva. Traduzindo-se assim numa especialização e numa área de reflexão estratégica específica, combinando relações e valores de forte impacto junto do público. Para um curador, este tipo de registo compõe uma atividade curatorial extensa que abarca toda uma conceção pormenorizada, que no caso do Estudos do Labirinto articula com diferentes museus sediados num mesmo território e que trazem para o campo da investigação a relação entre o artista e o lugar. Cabe também, ao curador, o delineamento do programa expositivo e outras atividades, bem como a seleção dos artistas que integram o programa e o seu acompanhamento ao longo do período de residência, com especial enfoque na montagem da exposição. É de sublinhar que do ponto de vista curatorial este registo permite uma participação ativa no processo criativo, tendo acesso ao trabalho em processo. Existem também as questões relacionadas quer com as instituições que acolhem o projeto como a rede de parcerias e estes são também pontos fulcrais neste tipo de ações, bem como gerir o plano de comunicação do evento e os respetivos suportes de arquivo, que podem ir desde plataformas online, a documentação variada e publicações.

²² ESPECIAL, Luísa. A residência: entre processo e acesso. Revista Marte#5. Lisboa: Associação de Estudantes da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2015. P.47

1.2. DESIGNAÇÃO DO PROJETO

O projeto tem como designação **ESTUDOS DO LABIRINTO**, nome que tem origem no livro de Károly Kerényi²³, filólogo de formação que é considerado um dos mais densos historiadores das antigas religiões grega e romana, e da mitologia mediterrânica, num sentido lato.

A nomeação do projeto, **ESTUDOS DO LABIRINTO**, é uma apropriação da nomeação de um dos últimos trabalhos que Károly Kerényi realiza na Hungria. A obra, de mesmo nome, tem como subtítulo *Labyrinthos como Reflexo Linear de uma Ideia Mitológica* (1941). Na base desta obra estava a possibilidade de representar a expressão fenomenológica da realidade humana, e desta forma contrastar com as falsas procuras de valores universalmente válidos. Se nos perguntarmos, o que significam mitos do labirinto, desenhos do labirinto, ou rituais do labirinto, Brede Kristensen²⁴ (de Leiden) responde que se trata do «mundo-inferior». Mas isto não resolve o enigma. Da mesma forma o gesto curatorial em Estudos do Labirinto não pretende trazer soluções, até porque cabe à arte criar um problema para cada solução. Estudos do Labirinto é o enigma que não se resolve, um movimento labiríntico, um desenho labiríntico do mundo das ideias.

2. O PROJETO: Caracterização

Estudos do Labirinto define um espectro concetual que estuda o universo da criação artística, estreitando laços com áreas disciplinares muito diversas como a etnologia e as suas pesquisas de campo, a botânica e o jardim enquanto paisagem ficcionada, a marinha, o mar e as suas lendas, e o universo da astronomia composto por explosões estelares, ou planetas com três sois. Assim, debaixo do mesmo céu, o da arte contemporânea, articulam num mesmo território e em campo aberto intervenções artísticas e pensamento em diálogo com lugares, permitindo a formulação de um desenho, o do *Estudos do Labirinto*.

O projeto encontra em Belém, mais propriamente no **Museu Nacional de Etnologia**, no **Jardim Botânico Tropical**, no **Museu de Marinha** e no **Planetário Calouste Gulbenkian**, um campo de ação, de confluência e de pluralidade, de produção, de conhecimento e de diferença. É neste sentido que promover o encontro entre

²³ Károly Kerényi (nasceu a 19 de Janeiro de 1897 em Temesvár e faleceu a 14 de Abril de 1973 em Kilchberg) foi um dos estudiosos mais influentes, quer da História das Religiões quer da Ciência da Mitologia, do séc. XX. O seu campo de estudo incidiu principalmente no mediterrâneo antigo e são da sua autoria as interpretações mais fecundas das antigas religiões.

²⁴ William Brede Kristensen (nasceu a 21 de Junho de 1867 em Kristiansand e faleceu a 25 de Setembro de 1953 em Leiden) foi um Historiador da Religião norueguês. Professor catedrático na Universidade de Leiden, lecionou História da Religião e Fenomenologia da Religião. É considerado um dos principais fenomenologistas holandeses da religião.

lugares, artistas e investigadores é particularmente produtivo e pode tomar várias formas.

Convivem no projeto dimensões complementares e coincidentes, a investigação, a documentação, e a apresentação pública. O principal motor do projeto é a **investigação**, que se compreende entre pensamento teórico e o processo criativo, neste último, caso as residências artísticas. **A documentação** será o registo do trabalho de campo desenvolvido ao longo das residências e que irá assumir diferentes formas como o vídeo e a fotografia, através destes suportes serão documentados os diferentes lugares envolvidos no projeto, as residências, as conversas e os encontros. O último momento do projeto incide sobre a **apresentação pública**, que assume uma morfologia diversa.

Essa morfologia assenta num momento expositivo, que resulta das residências artísticas, e que tem a duração de quatro meses. Ao longo destes quatro meses desenha-se uma programação que opera entre debates e conferências na Faculdade de Belas Artes, um ciclo de filmes na Cinemateca Portuguesa, um programa de educação artística no Jardim Botânico Tropical e o lançamento de uma publicação.

2.1. LINHAS ESTRATÉGICAS E PRIORIDADES

INVESTIGAÇÃO

A investigação (reflexão/pesquisa/residências artísticas) é determinante para o bom desenrolar do projeto. Desenvolve-se por um período de seis meses e é por assim dizer, o chão que irá sustentar os momentos seguintes. A investigação ocorre sobre diferentes dimensões articulando-se com lugares distintos. Em cada um destes lugares será construído um corpo de investigação, delineando discursos que irão estar na génese de conferências, ciclos de filmes e uma publicação. Por cada um destes espaços estarão a trabalhar dois artistas convidados, um artista consagrado e um jovem artista com exceção do planetário que conta com uma dupla.

Afinal, de que forma a arte contemporânea pode lançar um novo olhar sobre cada um dos “espaços museológicos” que o projeto *Estudos do Labirinto* envolve?

Trazer novos públicos, mas também criar relações benéficas e duradouras para a comunidade, permitindo novas formas de aproximação e de criação de linhas de interesse e de compreensão.

DOCUMENTAÇÃO

A documentação é igualmente importante, na medida em que permite guardar um número considerável de registos em materiais audiovisuais que giram em torno da

investigação e do processo de montagem das exposições, bem como documentação de conferências, ciclos de filmes e atividades do programa educativo. A documentação é fundamental para podermos desenvolver uma plataforma online para consulta, e uma publicação.

ARTE CONTEMPORÂNEA

O campo artístico desta residência assenta num cruzamento multidisciplinar, caracterizando-se também por colocar em diálogo artistas consagrados e jovens artistas. Após um período de seis meses de criação será inaugurado o período expositivo dando a conhecer o resultado desta experiência singular.

DEBATES E CONFERÊNCIAS

Os debates e conferências são pontos fulcrais para aproximar o grande público, bem como, profissionais e estudantes. Neste caso, a parceria é estabelecida com a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, e nestes debates e conferências faremos aproximações às matérias desenvolvidas durante o período de residências como a arte e o lugar, questões museológicas, processos da criação artística, entre outros temas.

PUBLICAÇÃO

Tendo em atenção as diferentes ramificações por onde a arte contemporânea nos leva, neste labirinto onde o homem, o lugar e o mundo das ideias se cruzam vamos desenvolver uma publicação bilingue, onde teremos desde a ação artística, a ensaios escritos por investigadores no projeto, de acordo com os diferentes polos de ação. A edição bilingue permitirá a difusão da nossa ação em termos internacionais com o objetivo de criar novas pontes para projetos futuros.

CICLO DE FILMES

Com o apoio da Cinemateca Portuguesa de Lisboa vamos desenvolver um ciclo de filmes que será desenhado pelos artistas em residência. A escolha terá como ponto de partida a relação do artista com o lugar da sua residência artística. O ciclo será então composto por sete filmes.

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

À dimensão da criação, investigação e apresentação pública junta-se a **educação artística**. Esta é uma forma de partilhar e de aproximar, desde o primeiro momento, o público, mas também de sensibilizar e aproximar a comunidade. Aqui, apostamos em ações desenhadas para jovens e adultos bem como pretendemos uma parceria

trabalho com crianças e jovens institucionalizados. O objetivo será criar parcerias que nos permitam sustentar a oferta de duas oficinas de Cianótipias, uma à Casa Pia de Lisboa e outra à Casa dos Rapazes, estas oficinas serão desenvolvidas pelos *Capuchos*²⁵. Paralelamente e num regime autossustentável teremos a decorrer, durante o período de exposição, dois exercícios que serão desenvolvidos pelos artistas: Andrea Brandão e Daniel Barroca. Estes exercícios serão uma extensão do processo criativo dos artistas em diálogo com o Jardim Botânico Tropical.

2.2. PÚBLICO-ALVO

O projeto pretende alcançar segmentos de público diferenciado através de uma programação cultural diversificada.

- A residência artística dirige-se a um público especializado convidado e composto por artistas plásticos portugueses e estrangeiros em diálogo com os museus e jardim com o fim de produzirem obra.
- Ensaístas, críticos de arte, profissionais do universo artístico, onde se incluem os investigadores convidados a desenvolver os seus ensaios.
- Programação para o grande público: plataforma online com documentação, exposição, ciclo de filmes, ciclo de conferências e serviço educativo
- Estudantes das artes, das ciências sociais e humanas bem como arquitetura através da valorização do conhecimento científico e do debate em torno da criação artística;
- Público escolar em visitas guiadas e a comunidade local;
- Um serviço educativo que assenta na educação artística dispondo de duas ações para jovens institucionalizados na Casa Pia de Lisboa e Casa dos Rapazes;
- Bibliotecas especializadas e livrarias na distribuição da publicação;
- Público estrangeiro, não sou pelo foco de ação ser num campo sobejamente turístico, mas por dar a conhecer a arte contemporânea em confronto com a museologia e a história de Portugal.

²⁵ *Capuchos* é um projeto composto pelos fotógrafos Catarina Botelho e Rui Dias Monteiro. Este projeto tem o objetivo de desenvolver formações, projetos e colaborações com designers.

2.3. PLANO DE ACTIVIDADES

PERÍODO DE RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

12 de Setembro de 2017 a 28 de Abril de 2018 (aproximadamente 8 meses)

COMUNICAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÃO E ARTISTA

A comunicação entre a instituição e o artista é feita através da curadora do projeto ESTUDOS DO LABIRINTO, a fim de desenvolver um trabalho profícuo e consistente.

ESPAÇO DE TRABALHO

A Casinfância em conjunto com a instituição acolhedora irá definir um espaço de trabalho onde o artista possa desenvolver o seu projeto.

A EXPOSIÇÃO

MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

A montagem da exposição antecede um mês à inauguração, decorrendo entre 1 de Maio e 17 de Maio de 2018.

SUPERVISÃO DA EXPOSIÇÃO

O Coordenação do projeto estará em contacto com os diferentes espaços expositivos a fim de certificar o bom funcionamento da exposição. Caso surja alguma anomalia, que prejudique o campo expositivo, a instituição envolvida comunicará à Casinfância – Lugar, Tempo e Discurso – Associação.

INAUGURAÇÃO

Prevista para 18 de Maio de 2018 às 17h.

A sessão de abertura do evento terá lugar no Museu Nacional de Etnologia às 17h.

DURAÇÃO

Estará quatro meses patente ao público.

FINISSAGE

Prevista para 17 de Setembro de 2018.

DESMONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

A desmontagem da exposição é da responsabilidade da Casinfância em conjunto com os artistas e sempre articulada com a instituição envolvida.

PROGRAMAÇÃO (paralela à exposição)

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Oficinas de Educação Artística em Junho e Julho de 2018 no Jardim Botânico Tropical.

Visitas Guiadas.

CICLO DE CONFERÊNCIAS

O ciclo de Conferências acontece em parceria com a Faculdade de Belas Artes de Lisboa. O ciclo será desenhado durante o período de residências tendo por base a relação entre obra e lugar, a criação artística e a museologia. Contará com a participação da curadoria, dos artistas e dos investigadores. O ciclo será composto por oito conferentes.

Auditório Lagoa Henriques, 6 e 8 de Junho de 2018 das 17h às 19h.

CICLO DE FILMES

Previsto para Julho de 2018 (datas a confirmar com a Cinemateca Portuguesa de Lisboa)

PUBLICAÇÃO

Lançamento a 8 de Setembro de 2018 no Museu de História Natural

2.4. PLANO DE COMUNICAÇÃO

Trabalhamos com profissionais, desenvolvendo e distribuindo notas de imprensa e presskits, levando a cabo outreach reativo e pró-ativo (tradicional e online) sem deixar de parte o desenvolvimento e gestão de parcerias de media e a relação com bloggers. O nosso foco cai também sobre o desenvolvimento e gestão de media tours e claro as redes sociais com especial enfoque para a gestão de página de Facebook e ainda a plataforma online do projeto.

ESTUDOS DO LABIRINTO conta já com uma rede de comunicação, devido aos contatos realizados, que envolve diversas entidades nomeadamente Museu Nacional de Etnologia, Direção Geral do Património Cultural, Jardim Botânico Tropical, Museu de Marinha, Planetário Calouste Gulbenkian, Comissão Cultural de Marinha, Museu de História Natural, Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

SUPORTES DE DIVULGAÇÃO

IMPRESSOS

- Mupis
- Cartazes A3
- Convites
- Mapas de intervenção, 4800 unidades
- Publicação, 600 exemplares

INFORMÁTICOS

- Plataforma online do Projeto
- Convite
- Press release
- EPK

MEIOS DE DIVULGAÇÃO (em fase de desenvolvimento)

IMPrensa ESCRITA

- Expresso
- Diário de Notícias
- Destak
- Público
- Time Out
- Agenda de Lisboa
- Jornal i
- Jornal de Negócios

TELEVISÃO

- RTP
- SIC
- Cartaz das Artes SIC

RADIO

- Antena 1

- TSF
- Radar FM

ONLINE

- Observador
- Contemporânea
- Umbigo Magazine
- Mutante
- Arte Capital

PARCERIAS

- Câmara Municipal de Lisboa
- Transportes de Lisboa

2.5. CASINFÂNCIA

A Casinfância – Lugar, Tempo e Discurso é uma entidade cultural independente e sem fins lucrativos concebida e dirigida por Cláudia Ramos, desde janeiro de 2014, tendo por fim apoiar e criar alternativas culturais e artísticas ao convencional sistema da arte contemporânea e a onde se insere o projeto curatorial *Estudos do Labirinto*.

A Casinfância desenvolve uma rede de apoios e parcerias destinadas à experimentação artística, passando pelo campo do ensino e pelo universo das publicações. Insere-se num registo itinerante e multidisciplinar apostando no fazer e na investigação.

É uma casa sùmula, de origem, dedicada ao universo da arte contemporânea e que conta desde 2014 com diversas parcerias entre elas Fundação Calouste Gulbenkian, Baía do Tejo S.A., Câmara Municipal de Lisboa, Câmara Municipal do Barreiro, Direcção Geral do Património Cultural, Museu Nacional de Etnologia, Museu de História Natural, Comissão Cultural da Marinha, Museu da Marinha, Planetário Calouste Gulbenkian, Faculdade de Belas Artes de Lisboa e Documenta, entre outros.

www.casinfancia.com

2.6. A EQUIPA

CLÁUDIA RAMOS

Lisboa, Portugal, 1983. Vive e trabalha em Lisboa.

Curadoria, Coordenação e Produção

Tem como competências:

- Conceptualizar e desenhar o projeto;
- Constituir e gerir a equipa;
- Coordenar a equipa, distribuir tarefas e prever um calendário de execução e montagem;
- Ser responsável pelo orçamento do projeto e pelos pedidos de orçamentos;
- Criação de estratégias de financiamento;
- Angariação de apoios e mecenatos ao projeto;
- Fazer a avaliação dos orçamentos e verificar o seu cumprimento;
- Orientar propostas de circuitos e de comunicação-expositiva;
- Ser responsável pela calendarização das atividades e seu faseamento;
- Acompanhar todas as fases do projeto e verificar o cumprimento dos prazos;
- Articular com as diferentes entidades envolvidas no projeto;
- Coordenar todas as publicações;
- Gerir as incertezas;
- Realizar o relatório final.

Constituiu a *Casinfância*, entidade cultural que dirige e que se dedica ao pensamento e investigação em torno do seio artístico. Foi curadora, coordenadora e produtora do primeiro projeto da *Casinfância, da fábrica que desvanece à baía do tejo*, que contou com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e Baía do Tejo S.A., tendo lugar no território pós-industrial da antiga Companhia União Fabril. Estudou arquitetura, formou-se em Fotografia no Ar.Co, Centro de Artes e Comunicação Visual, onde realizou Projeto Individual em Fotografia e Escultura. Atualmente frequenta na Faculdade de Belas Artes de Lisboa o Mestrado de Crítica, Curadoria e Teoria da Arte onde desenvolve investigação em torno dos Processos criativos da Arte Contemporânea.

Envolveu-se no ensino, na programação cultural e na crítica de arte colaborando com diversas instituições e publicando o seu trabalho. Na sua prática artística envolve a fotografia, instalação, e desenho explorando questões da antropologia espacial e da natureza da imagem fotográfica.

VIVÓEUSÉBIO

Coletivo de design fundado em 2006 e sediado em Lisboa e Londres.

Design Gráfico

Tem como competências:

- A conceção da imagem gráfica do projeto;
- Criação de layout base e design dos mapas de intervenção;
- Otimização de texto e tratamento de imagens;
- Preparação dos documentos para impressão;
- Artes-finais para impressão;
- Criação da imagem de comunicação para peças de divulgação (convites, posters, divulgação) bem como a imagem de comunicação expositiva;
- Imagens de apoio à divulgação web e redes sociais;

Vivóeusébio é um coletivo de design que tem desenvolvido projetos nas mais diversas áreas do Design de Comunicação, com especial incidência na área editorial e print design - livros, revistas, posters, flyers, etc. Têm colaborado com a Casinfância, sendo os responsáveis pela publicação *da fábrica que desvanece à baía do tejo*.

www.vivoeusebio.com

JORGE GRAÇA

Loulé, Portugal, 1980. Vive e trabalha em Alte.

Fotografia

Tem como competências:

- Acompanhamento fotográfico e em vídeo das várias fases do projeto;
- Fotografias finais para suportes online;
- Fotografias finais para publicações impressas;
- Articulação sempre que necessário com a equipa de design gráfico;

Jorge Graça estudou Fotografia no Ar.Co, Centro de Comunicação Visual.

Concebeu em 2016 o livro de autor: *Alte Aqui – Memória e Momentum* promovido pela Câmara Municipal de Loulé, em 2015/16 participou na exposição *Os inquéritos à Fotografia e ao Território: Paisagem e Povoamento*, Centro Internacional de artes José de Guimarães e no Museu nacional de Etnologia, com curadoria de Nuno Faria, em 2015 fez o Levantamento fotográfico no âmbito das residências artísticas financiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Baía do Tejo S.A., *da fábrica que desvanece à baía do tejo*, com curadoria de Cláudia Ramos. Participou ainda na Bienal de Cerveira'13, na exposição Algarve Visionário, Excêntrico e Utópico com curadoria de Nuno Faria, apresentada também no Museu Municipal de Faro, projeto no qual também colaborou na documentação fotográfica. Destaca-se ainda, em 2010 a participação no arquivo fotográfico para o Pólo Museológico Cândido Guerreiro e Condes de Alte em Loulé, bem como a fotografia do catálogo da exposição de Teresa Milheiro “Passagem para um outro lado”, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian.

CLÁUDIA DUARTE

Lisboa, Portugal, 1981. Vive e trabalha em Lisboa.

Assessoria de Média

Tem como competências:

- Definição de posicionamento e linhas estratégicas de comunicação;
- Desenvolvimento e distribuição de press releases + press kits;
- Follow Up proactivo e reactive com Media Nacional;
- Desenvolvimento e gestão de parcerias de Media;
- Blogger relations;
- Identificação e preparação de porta-vozes;
- Gestão de creditações de Media (pré e durante o evento);
- Convites à Imprensa;
- Acompanhamento da imprensa durante o evento;
- Relatório de Clipping

Cláudia Duarte é licenciada em Filosofia e Design Multimédia.

Inicia a vida profissional dividida entre a Televisão e a Publicidade. Em 2007, e até 2011, o desafio de ficar responsável pelo departamento de Comunicação da Música no Coração - uma das maiores promotoras de eventos musicais em Portugal – marca um ponto de viragem crucial na sua carreira continuando, até hoje, agora como freelancer, a ser responsável de comunicação, assessora de imprensa e

relações públicas na área cultural e musical. Alguns projectos: NOS Primavera Sound, Nos Alive, Lumina - Festival da Luz, A Naifa, Fandango, Gisela João, Carlos Martins, Festa do Jazz do S. Luiz, Festival Lisboa Mistura, *Da Fábrica que Desvanece à Baía do Tejo*, Casa Independente. Desde início de 2015 que é também responsável pela Assessoria de Imprensa da Trienal de Arquitetura de Lisboa.

MIGUEL RODRIGUES

Lisboa, Portugal, 1978. Vive e trabalha em Lisboa.

Tradução

Tem como competências:

- Responsável pela tradução, Português – Inglês

Miguel Rodrigues obtém o Certificate of Proficiency in English em 1998.

Em 2001, depois de algumas experiências com a Pintura, ingressa no Curso de Filosofia da FLUL e na Ar.co, em Fotografia.

Continua a estudar Fotografia, com passagens pela APAF, pela Spéos, em Paris, e pelo Atelier de Lisboa, onde, em 2012, em parceria com o IPA, conclui a Pós-Graduação em Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea, tendo exposto na Galeria Palácio Galveias. É co-fundador do Colectivo Le Journal de la Maison, em 2008, com quem expôs, entre outros, no P28, no Atelier de Daniel Malhão ou na Fábrica de Braço de Prata, integrado na Experimenta Design. É professor de Inglês do Ensino Básico e tradutor freelancer, colaborando, entre outros, como projeto Conversas, de Constança Saraiva e Mafalda Fernandes.

CAPUCHOS

Lisboa, Portugal, 2008. Vivem e trabalham em Lisboa.

Educação Artística

Os Capuchos são uma dupla de fotógrafos, Catarina Botelho e Rui Dias Monteiro, com base em Lisboa, que realizam projetos, formações e colaboram com artistas e designers na área da fotografia. Desde 2015, quando adotaram oficialmente o nome de Capuchos, têm vindo a desenvolver ateliers e workshops nas seguintes instituições: Trienal de Arquitetura de Lisboa; Cooperativa de Comunicação e Cultura de Torres Vedras; Fundação EDP ; Universidade M_EIA e na Galeria Ponta d'Praia no Mindelo, estes últimos com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

ANDREA BRANDÃO

Vila Nova de Gaia, Portugal, 1978. Vive e trabalha em Lisboa.

Educação Artística

«Frequenta o programa de doutoramento em Estudos Artísticos da FCSH-Universidade Nova de Lisboa, desde 2015. É artista plástica e desenvolve o seu trabalho na área do desenho, performance, instalação e intervenções artísticas. As suas obras exploram o conceito de “processo” e procuram testar os limites de definição e realização da obra de arte. Tem vindo a desenvolver e a colaborar em projetos na área da coreografia, nomeadamente no projeto de Márcia Lança, *Evidências suficientes para a não coerência do mundo* (2014); Participou em festivais, exposições coletivas e individuais em Portugal, Estónia, Viena e São Paulo, assim como em programas de residência artística, destacando a residência na FAAP - Fundação Armando Azeredo Pentead, São Paulo (2014). Das mais recentes exposições assumem especial relevo a individual *Momento I* (2014) no Espaço Arte Tranquilidade e a coletiva *Já reparaste como o ponto de interrogação parece uma orelha e como a interrogação se faz escuta?* (2016) no Atelier - Museu Júlio Pomar em Lisboa, ambas com curadoria de Maria do Mar Fazenda. Pratica Yoga á 8 anos e meditação Zen desde 2014 com a professora Isabel Kosen Mesquita. De momento vive e trabalha em Lisboa.»²⁶

DANIEL BARROCA (sujeito a confirmação)

Lisboa, Portugal, 1976. Vive e trabalha em Lisboa.

Educação Artística

«Daniel Barroca nasceu em Lisboa em 1976. Estudou na ESAD.CR nas Caldas da Rainha entre 1996 e 2001 e no Ar.Co em 2002. Recebeu o Prémio União Latina para a Jovem Criação no Domínio das Artes Plásticas em 2004. Foi artista residente na Künstlerhaus Bethanien em 2008 (Bolsa João Hogan – Fundação Calouste Gulbenkian) e na Rijksakademie van Beeldende Kunsten em 2010 e 2011. Entre 2013 e 2014 foi um dos artistas participantes no Home Works Program no Ashkal Alwan em Beirute. Neste momento é um dos artistas participantes no programa Open Sessions no Drawing Center em Nova Iorque e é bolseiro da Fundação Marcelino Botín com o projeto *Uma terra mais móvel que firme*.»²⁷

²⁶ Cortesia da artista

²⁷ Fonte: Hangar – Centro de Investigação Artística

2.7. A EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO

MARIA FILOMENA MOLDER (sujeito a confirmação)
Lisboa, Portugal, 1950. Vive e trabalha em Lisboa.

Campo de ação: Jardim Botânico Tropical / Armanda Duarte / Nuno Vicente

Foi Professora Doutora do Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL), onde começou por leccionar Filosofia Medieval.

«Doutorou-se em 1992 com uma tese sobre «O Pensamento morfológico de Goethe». É membro do Instituto de Filosofia da Linguagem, U.N.L. e do Conselho Científico do Collège International de Philosophie, Paris.

Escreve sobre problemas de estética, enquanto problemas de conhecimento e de linguagem, para revistas de filosofia e de literatura, entre outras, Filosofia e Epistemologia, Prelo, Análise, Revista Ler, Sub-Rosa, A Phala, Internationale Zeitschrift für Philosophie, Philosophica, Revista Belém, Dedalus, Rue Descartes, Chroniques de Philosophie, La Part de l'Oeil.

Tem escrito para catálogos e outras publicações sobre arte e artistas, portugueses e estrangeiros, entre os quais, Jorge Martins, Ruy Leitão, Rui Chafes, Helena Almeida, Ana Vieira, Julião Sarmento, Rui Sanches, José Pedro Croft, Bernard Plossu, Juan Muñoz, Noronha da Costa, Antony Gormley, Louise Bourgeois, Francisco Tropa e Amadeo de Souza-Cardoso.»²⁸

Lançou recentemente Rebuçados Venezianos, uma edição constituída por textos sobre a obra de alguns artistas contemporâneos como Francisco Tropa, Cristina Ataíde, Lourdes Castro entre outros.

MATTIA DENISSE

Lisboa, Portugal, 1967. Vive e trabalha em Lisboa.

Campo de ação: Planetário Calouste Gulbenkian / Pedro Paiva + João Maria Gusmão

«Estudou desenho e escultura na Ar.Co de 1991 a 1993, e logo de seguida ganha duas bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian (The Royal College of Art em Londres e na Academia de Arte de Dusseldorf). Tem trabalhado nos últimos anos

²⁸ Fonte: Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

entre França, Portugal e Cabo Verde, sobretudo no campo da instalação e desenho. As suas colaborações têm-se estendido à publicação de antologias e catálogos nomeadamente a edição do catálogo da representação portuguesa na Bienal de Veneza de 2009 - Experiments and Observations on Different Kinds of Air de João Gusmão e Pedro Paiva, artistas com quem tem uma relação estreita; à participação em inúmeras residências com diversas instituições, de que é exemplo as TERCENAS em colaboração com a ZDB e HANGAR. No ano de 2011 apresenta Entre el Tiempo (Between the Time), no Museu de Arte Moderna e Contemporânea de Santander, mostra a sua obra em inumeras exposições colectivas entre elas Aparências Privadas. Auto-Retratos De Artistas Contemporâneos, no museu Apart Szenes - Vieira da Silva, em Lisboa.»²⁹

MIGUEL WANDSHNEIDER

Lisboa, Portugal, 1969. Vive e trabalha em Lisboa.

Campo de ação: Museu de Marinha/ Ana Santos / Belén Uriel

«Miguel Wandschneider trabalhou como curador independente entre 1997 e 2004. Dos projectos expositivos que comissariou durante esse período, destaca os seguintes: Ernesto de Sousa: Revolution My Body (Fundação Calouste Gulbenkian, 1998); A Indisciplina do Desenho (Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão / Museu de Aveiro / Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha, 1999-2000); SlowMotion (ESTGAD, Caldas da Rainha, 2000-2003); Ângelo de Sousa: Sem Prata (Museu de Serralves, 2001); Noronha da Costa Revisitado (Centro Cultural de Belém, 2003). É curador de arte contemporânea na Culturgest desde 2004. Tem vindo a conceber o programa de exposições da Culturgest, assim como a comissariar numerosas exposições no âmbito desse programa, desde Dezembro de 2005 e cuja programação encerra em Fevereiro de 2017 para abraçar um "novo ciclo". Foi igualmente responsável pela definição da linha editorial e pela coordenação das publicações dessa instituição.»³⁰

²⁹ Fonte: PROJECTOMAP

³⁰ Fonte: <http://www.i2ads.org/unneeded2012/speakers/miguel-wandschneider/>

TOMÁS MAIA (sujeito a confirmação)

Lisboa, Portugal, 1983. Vive e trabalha em Lisboa.

Campo de ação: Museu Nacional de Etnologia / Francisco Tropa / Teresa Carepo

«Licenciatura em Artes Plásticas – Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1991); D.E.A. (Diplome d'Études Approfondies) no Centro de História e Teoria da Arte da École des Hautes Études en Sciences Sociales Paris (1993) (equivalência ao grau de Mestre atribuído pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Julho de 2002); Doutoramento em Filosofia de Arte na Université Marc Bloch – Strasbourg (2004). Em França, na qualidade de bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian, do Centro Nacional de Cultura e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, foi aluno de Louis Marin, de Jean-Luc Nancy e de Philippe Lacoue-Labarthe. Publicou a obra *Assombra. Ensaio Sobre a Origem da Imagem*, livro com fotogramas de Marta Maranha e Diogo Saldanha (Lisboa, Assírio & Alvim, 2009). Desde 2004, retomou a sua actividade artística. O seu trabalho com André Maranha – *Fiolme Scens* (para duas vozes) – foi apresentado em Lisboa (2008) e em Lucca (Itália, 2009). Em 2012 os dois autores publicaram em conjunto as obras *Éden – O filme desta terra e Scena* (para duas vozes).»³¹

2.8. OS ARTISTAS

FRANCISCO TROPA

Lisboa, Portugal, 1968. Vive e trabalha em Lisboa.

Residência: Museu Nacional de Etnologia

«A escultura tem sido um interesse constante no percurso de Francisco Tropa, artista que começou a expor no início da década de noventa e cujo trabalho tem obtido uma significativa atenção por parte das instituições e da crítica. Foi o representante de Portugal na edição de 2011 da *Bienal de Veneza*, e participou ainda na *Bienal de Rennes* (2012), na *Bienal de Istambul* (2011), na *Manifesta* (2000), na *Bienal de Melbourne* (1999) e na *Bienal de São Paulo* (1999).

Diversos meios são utilizados por Tropa, como a própria escultura, o desenho, a performance, a fotografia ou o filme, para convocar uma série de reflexões

³¹ Fonte: Sistema Solar - Editora

introduzidas por diferentes tradições da escultura. Temas como o corpo, a morte, a natureza, a paisagem, a memória, a origem ou o tempo, estão sempre presentes nos seus trabalhos, num processo interminável de remissão a ideias da história da arte, a outras obras de arte, a trabalhos anteriores do próprio artista, e a autores específicos.

As noções de dispositivo e de espectador são também fundamentais para a compreensão da sua prática, que desafia as categorias tradicionais da arte quer de representação quer de perceção.»³²

Exposições e Projetos Individuais (seleção)

- 2016 *Cinema*, Appleton Square, Lisboa, Portugal.
 Ladri, Galleria Alessandra Bronomo, Roma, Itália.
- 2015 *Noche Triste*, Galeria Gregor Podnar, Berlim, Alemanha.
 TSAE: Trésors Submergés de l'Ancienne Égypte, Musée regional d'art
 contemporain,
 Languedoc Roussillon, Serignan, França.
 Sim Não (Oui Non), Les Moulins de Paullard, Paillard, Poncé Sur Le Loir, França
 Protótipos, Galeria Quadrado Azul, Lisboa, Portugal.
- 2014 *TSAE: Tesouros submersos do antigo Egipto*: apresentados por Francisco
 Tropa, Pavilhão
 Branco, Lisboa, Portugal.
 Arenaire, Galerie Jocelyn Wolff, Paris, França.
- 2013 *TSAE, Trésors Submergés de l'ancienne Egypte* , La Verrière Hermès,
 Bruxelas, Bélgica.
 Galeria Gregor Podnar, Berlim, Alemanha.
 Terra Platónica, Galeria Caterina Tognon, Veneza, Itália.
- 2012 *Museu*, Galeria Quadrado Azul, Porto, Portugal.
 Flores, Galeria Quadrado Azul, Porto, Portugal.
 Stela, Fundação Leal Rios, Lisboa, Portugal.
- 2011 *Scenario*, Representação Oficial Portuguesa, 54th Venice Biennale, Itália.
 Untitled, 12th Istanbul Biennial, Turquia.
 Literal, Circular – Festival de Artes Performativas, Vila do Conde, Portugal
 (com Laurent Pichaud).
 Tali, Galeria Quadrado Azul, Porto, Portugal.

³² Biografia divulgada pela galeria Quadrado Azul que representa o artista.

- 2010 *Scripta*, Galeria Quadrado Azul, Lisboa, Portugal.
Farol, Natureza Morta, Galeria Quadrado Azul, Lisboa, Portugal.
Gigante, Auditório do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, Portugal.
O vapor que se eleva do arroz enquanto coze, Auditório do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto/ Beursschouwburg, Bruxelas, Bélgica
- 2008 *Tesouros Submersos do Antigo Egipto*, Chiado 8 Arte Contemporânea, Lisboa, Portugal.
A Assembleia de Euclides (final), Galeria Quadrado Azul, Porto, Portugal.
Festival Trama, Porto, Portugal.

Coleções (seleção)

Fundação de Serralves, Portugal.
Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Portugal.
Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal.
Fundação EDP, Portugal.
Caixa Geral de Depósitos, Portugal.
Banco Privado Português, Portugal.
Direcção-Geral das Artes, Portugal.
Fundação PLMJ, Portugal.
MUDAM, Luxemburgo.



[Figura 18: Francisco Tropa. Sem título, 2008.]



|Figura 19: Francisco Tropa. *Scenario*, Representação Oficial Portuguesa, 54ª Bienal de Veneza, 2011



|Figura 20: Francisco Tropa. *Gigante*, 2006.

TERESA CAREPO

Lisboa, Portugal, 1976. Vive e trabalha em Lisboa.

Residência: Museu Nacional de Etnologia

«Teresa Carepo em 2008 iniciou o seu percurso em Escultura, no Ar. Co. Frequenta os três primeiros níveis nesta instituição orientada por Rui Chafes e depois outros três anos em projeto individual-escultura orientada por Sara Antónia Matos.

Em 2011/2012 recebe a Bolsa José de Guimarães, atribuída pela instituição na qual estuda.

Em 2014 recebe um Apoio de Investigação Artística, no âmbito do programa de Apoio às Artes Visuais atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Desde 2010 que participa em exposições do Ar.Co. Inicialmente na exposição de Outono, Open Studio, nas instalações de Almada e posteriormente nas exposições de Bolseiros e Finalistas desta mesma instituição, no Pavilhão Preto do Museu da Cidade.

Em 2012 participou na exposição coletiva Limbo, comissariada por Pedro Cabral Santo e Gustavo Sumpsta, na Plataforma Revolver; em 2014 participou no projeto “depois vemos melhor” e em 2015 participou na exposição coletiva “Atirar Pedras à Lua”, no Espaço AZ.»³³



|Figura 21: Teresa Carepo. Sem título, 2015.

³³ Biografia, cortesia da artista.



|Figuras 22 e 23: Teresa Carepo. Sem título, 2015.



|Figura 24: Teresa Carepo. Sem título, 2015.

ARMANDA DUARTE

Praia do Ribatejo, Portugal, 1961. Vive e trabalha em Lisboa.

Residência: Jardim Botânico Tropical

«É licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian em 1996 e 2006 e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento em 2001.

Desenvolve desde meados de 1980 um trabalho intimamente ligado à especificidade do lugar, lugar que acolhe as suas peças. O seu trabalho desenha-se sobre uma linha subtil que revela a sua singular sensibilidade em diálogo com as matérias do espaço. É muito mais que a simples observação das características espaciais ou arquitetónicas, estamos mesmo no domínio da vivência do lugar, o lugar enquanto entidade circunscrita pela sua memória e identidade, determinando assim as linhas que a artista irá traçar para erigir a sua proposta.»³⁴

Exposições Individuais (seleção)

- 2015 *Tambor*, Pavilhão Branco – Museu da Cidade de Lisboa
- 2014 *Levantamento*, A Montra, Lisboa
- 2012 *Desculpa, grilo, roubei a tua casinha*, Caroline Pagès Gallery, Lisboa
- 2010 *Três degraus, uma laje*, curadoria de Bruno Marchand, Chiado 8, Lisboa
- 2009 *Uma Combinação (2)* (com Linda Sanchez), Centre d'Art La BF15, Lyon, França
- 2008 *Subtracções*, Caroline Pagès Gallery, Lisboa
- 2005 *Duas Vezes*, Vera Cortês Agency, Lisboa
- 2001 *O último passeio e a luz do meu atelier*, Paula Fampa Gallery, Braga, Portugal
Os livros da Matilde, Room Project, Lisboa
- 1999 *Sopro frio nas orelhas*, Sala do Veado, Museu Nacional de História Natural, Lisboa
- 1993 *Também devem ser semeadas logo que deixam a árvore que lhes deu origem*, Sala do Veado, Museu Nacional de História Natural, Lisboa

³⁴ Biografia tendo por referência os textos de Bruno Marchand a quando da exposição de Armanda Duarte no Chiado8, intitulada *Três Degraus e Uma Laje*.

Exposições Coletivas (seleção)

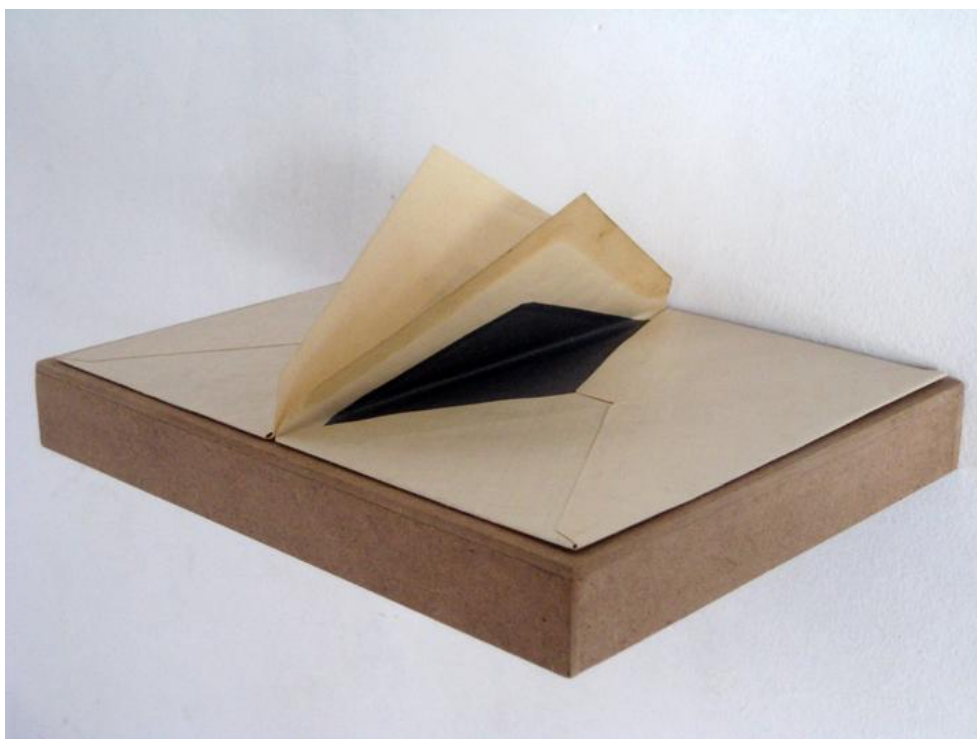
- 2015 *RE IN-UTILITAS*, curadoria de João Pinharanda, Galeria Fundação EDP, Porto, Portugal
- 2014 *Hay Fever!*, curadoria de António Caramelo, Naturarte, Vila Nova de Milfontes, Portugal
Elevação / Suspensão / Afinação, Parkour, Lisboa, Portugal
- 2013 *Sentido em deriva*. Obras da Caixa Geral de Depósitos, curadoria de Bruno Marchand, Culturgest, Lisboa, Portugal
- 2012 *Zona Letal, Espaço Vital* – Trabalhos da Coleção da Caixa Geral de Depósitos, curadoria de Sara Antónia Matos, Museu da Imagem em Movimento, Leiria, Portugal
Logradouro, Espaço Avenida 211, Lisboa, Portugal
- 2011 *PIN ANONIMUM_ Useless*, Tangencial EXD'11, Lounging Space, Lisboa, Portugal
Zona Letal, Espaço Vital - Trabalhos da Coleção da Caixa Geral de Depósitos, curadoria de Sara Antónia Matos, Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria, Portugal
Zona Letal, Espaço Vital - Trabalhos da Coleção da Caixa Geral de Depósitos, curadoria de Sara Antónia Matos, Museu Contemporâneo de Elvas, Portugal

Coleções (seleção)

Culturgest-Caixa Geral de Depósitos, Portugal.

EDP Fundação, Portugal.

Pedro Cabrita Reis, Lisboa.



[Figura 25: Armanda Duarte. Duas exposições, 2010.



|Figura 26: Armanda Duarte. *Abertura* peça da Exposição *Desculpa grilo, roubei-te a casinha* na Galeria Caroline Pagé, 2012



|Figura 27: Armanda Duarte. Vista da Instalação *Meio caminho*, 2009.

NUNO VICENTE

Chartres, França, 1981. Vive e trabalha em Berlim.

Residência: Jardim Botânico Tropical

«Estudou Pintura e Artes Plásticas na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Fez parte da seleção Millennium Anteciparte em 2007 e da seleção ESAD Caldas da Rainha 20 anos, 2011; em 2015 é selecionado para a 11ª edição do prémio Novos Artistas Fundação EDP.

Das exposições coletivas que integrou distinguem-se: *Enganar a Fome*, Espaço Avenida, Lisboa, 2008; *And Then Again*, Pavilhão Preto, Museu da Cidade, Lisboa, 2010; *Berlin Island*, Supermarket, Berlim, 2011; *D’abord les Forêts*, Opus 2, Centre d’Art La Maison Laurentine, Haute-Marne, França, 2011; *O peso e a Ideia*, Plataforma Revolver, Lisboa, 2012; *Non*, Savvy Contemporary Berlim, 2013; *From a book, from a forest and from despair*, Kreuzberg Pavillon, Berlim, 2014.

Expôs individualmente: *O milagre da vida, segundo um Poema de Albert Einstein*, Museu António Duarte, Caldas da Rainha, 2008; *Clareira*, Galeria Paulo Amaro, Lisboa, 2008; *Soluções poéticas para coisa nenhuma*, Galeria Paulo Amaro, 2009; *Dropping time onto the matter*, Rosalux Gallery Berlim, 2010; *Sculptures made of earth, water, fire, air (I, II, III)*, Kunstraum João Cocteau, Berlim, 2012 a que sucedem as partes IV e V em 2013 e *Esculturas de Terra, água, fogo, ar (VII)*, Espaço 58 (actualmente chamado Ar Sólido), Lisboa, 2014. Em 2014 participou na Bienal de Artes Visuais em Varna, na Bulgária.»³⁵



[Figura 28: Nuno Vicente. *Diário de Notas* – peça sonora para *Um Diário de Notas* – peça sonora para uma árvore morta, 2015.

³⁵ Biografia, cortesia do artista.



|Figuras 29 e 30:Nuno Vicente. Vista da Instalação *Escultura dividida - propagação da luz noturna no infinito*, 2015.



|Figura 31: Nuno Vicente. Vista da Exposição EDP Novos Artistas 2015. *A sombra de um rio em contracorrente - Homenagem a Heráclito* de Nuno Vicente. Fundação EDP, 2015.

ANA SANTOS

Espinho, Portugal, 1982. Vive e trabalha em Lisboa.

Residência: Museu de Marinha

«O trabalho de Ana Santos desenvolve-se a partir de uma prática diária de encontro e de acumulação de materiais e objetos. Cada objeto, cada material, contém em si mesmo a chave da sua solução: é o exercício da prática que permite testar, escolher, alterar, refazer, rejeitar, até finalmente encontrar a solução. O fazer constitui-se através do exercício e da prática de atelier e opera a partir da relação com os materiais. O pensamento é pragmático, isto é, procura perceber as qualidades intrínsecas ao material e o modo como elas se resolvem no objeto artístico.

Primeiro, surge o material e depois a solução.

Os materiais não têm uma proveniência fixa, podem vir da rua (objetos encontrados) ou de lojas de materiais de construção. A escolha de material é baseada no seu comportamento físico, e nas possibilidades daquilo que pode ou não fazer. O pensamento especulativo interroga as intenções, as motivações e as decisões que orientam o trabalho e o pensamento operativo constrói a relação com os materiais. Os objetos funcionam não como coisas mas como sinais, são evocações da forma, são sinais do pensamento sobre o material. Há uma operação rápida que quer tornar evidente o gesto que a produz.»³⁶

Exposições Individuais (seleção)

- 2015 *Stanza*, The Goma, Madrid, Espanha.
 Ana Santos, Galeria Quadrado Azul, Lisboa, Portugal.
- 2013 *Denominador comum*, The Goma, Madrid, Espanha.
 inverno, Galeria Quadrado Azul, Porto, Portugal.
- 2012 *Loop*, Espaço Campanhã, Porto, Portugal.
 Une image de fou, Galeria Nuno Centeno, Porto, Portugal.
 Trabalho, Chiado 8 – Arte contemporânea, Lisboa, Portugal.

Exposições Colectivas (seleção)

- 2015 *Afinidades Electivas*. Julião Sarmento Coleccionador, Museu da Electricidade, Lisboa, Portugal.
 Au sud d'aujourd'hui: Art contemporain portugais [sans le Portugal], Fondation Calouste Gulbenkian, Paris, França.
 AA Contemporary Art Collection, Coimbra, Portugal (curadoria Delfim Sardo).
 The Lulennial: A Slight Gestuary, Lulu, Cidade do México, México (curadoria Fabiola Iza, Chris Sharp).

³⁶ Biografia divulgada pela galeria Quadrado Azul que representa a artista.

- 2014 *Aprender a Caer*, La Casa Encendida, Madrid, Espanha.
Wondering Paths, Plataforma Revólver, Lisboa, Portugal.
12 Contemporâneos – Estados Presentes, Museu de Serralves, Porto, Portugal.
- 2013 Prémio EDP Novos Artistas, Galeria Fundação EDP, Porto, Portugal.
- 2012 Primeira Avenida: Rua de sentido único, Porto, Portugal.
Shoreline – artes plásticas na coleção do Ar.co, Centro Cultural de Sines, Sines, Portugal.
Jugada a Tres Bandas, Galeria The Goma, Madrid, Espanha.
- 2011 *Musicircus*, Roullet, Nova Iorque, Estados Unidos.
In Back of the Real, ISCP – International Studium and Curatorial Program, Nova Iorque, Estados Unidos.
Walk Like an Egyptian, ISCP – International Studio and Curatorial Program, Nova Iorque, Estados Unidos.
- 2010 *Open Studio*, ISCP – International Studio and Curatorial Program, Nova Iorque, Estados Unidos.
 Portugal Arte Bienal Personal Freedom, Pavilhão de Portugal, Lisboa, Portugal.
Appleton Recess #1, Appleton Square, Lisboa, Portugal.



[Figura 32: Ana Santos. Vista da Exposição, Chiado 8, 2012.



|Figura 33: Ana Santos. Sem Título, 2015.



|Figura 34: Ana Santos. Sem Título, 2015.

BELÉN URIEL

Madrid, Espanha, 1974. Vive e Trabalha em Lisboa e Londres.

Residência: Museu de Marinha

«Belén Uriel licenciou-se na Faculdade de Belas Artes da Universidade Complutense de Madrid e fez o mestrado de Belas Artes no Chelsea College of Art and Design, em Londres, cidade onde viveu e desenvolveu o seu trabalho entre setembro de 2003 e julho de 2008. Nos últimos oito anos, tem vivido e trabalhado a maior parte do tempo em Lisboa, com estadias intercalares em Londres. Duas exposições individuais em Lisboa deram a ver o trabalho de uma artista chegada à maturidade e com uma rara sensibilidade para a escultura: *Pedra, papel e tesoura*, no Pavilhão Branco do Museu da Cidade, entre março e maio de 2013; e *Lama no sapato*, no Parkour, durante três dias de novembro de 2014. As obras aí mostradas, bem como as obras recentes que integram a sua exposição a decorrer atualmente no Museu de Wiesbaden, na Alemanha, revelam um léxico e uma sintaxe perfeitamente consolidados, grande rigor e subtilidade na manipulação dos materiais, na construção de formas e superfícies, na definição de dimensões e escalas. As obras de Belén Uriel estão frequentemente indexadas a objetos reais (por exemplo, elementos de arquitetura ou de mobiliário), transformando-os, de forma tão radical quanto subtil, pelos meios e processos da escultura (da arte).»³⁷

Exposições individuais (seleção)

- 2016 *Segunda-feira* curadoria de Miguel Wandshneider na Culturgest em Lisboa, Portugal
- 2014 *Lama no sapato*. Parkour. Lisboa. Portugal.
- 2013 *Pedra, papel e tesoura*. Pavilhão Branco. Museu da Cidade. Lisboa. Portugal.
- 2012 *Manual*. Galeria Presença. Porto. Portugal.
Useful household objects under 10\$. Montehermoso 2011 Art and Research Grants.
Montehermoso Cultural Centre. Vitoria. Espanha.
- 2011 *Ni blanco, ni negro*. Appleton Square. Lisboa. Portugal.
The largest selection of dreams. Espacio Líquido Gallery. Gijón. Espanha.

Exposições coletivas (seleção)

- 2015 *Art en trànsit*, Cerdanyola Art Museum, Barcelona.

³⁷ Texto de Miguel Wandshneider para a exposição *Segunda-feira* na Culturgest, 2016.

- 2014 Drawing Biennial 2015, Drawing Room, Londres.
The Common Ground Project, Art and the inhabited space, Madrid.
Home, Anna Fasshauer, Lubaina Himid, Karl Holmqvist Luca Frei e Falke Pisano, Belén Uriel, Hollybush Gardens Gallery, Londres.
Full Circle Drawing Room Offsite Exhibition at UBM, 9th Floor, 245 Blackfriars Road, Southwark, SE1 9UY. Full Circle is curated by Mairia Evripidou (UBM Curatorial Intern) & Jacqui McIntosh (Project Leader, Drawing Room).
Laboratorio 987. *Una pausa para reflexionar*, Curadoria de Manuel Oliveira e Kristine Guzmán. MUSAC (Castilla and León Contemporary Art Museum).
- 2013 *Progress in work /// work in crisis* Curadoria de Olivier Beaudet e Laura Díez García.
Lavitrine Gallery, Limoges, Bizkaia-Aretoa, Bilbao.
Paisajismo Craneoencefálico. Curadoria de Daniel Silvo. Espaço Valverde Madrid.

Coleções

- Novo Banco Coleção, Portugal.
CAM Coleção de Arte Contemporânea, Portugal.
Coleção Purificacion Garcia, Espanha.
Coleção Centro d'art La Panera, Espanha.



|Figura 35: Belén Uriel. Pormenor da Exposição no Projektraum, Museu Wiesbaden, 2016.



[Figura 36: Belén Uriel. Vista da Exposição no Projektraum, Museu Wiesbaden, 2016.



[Figura 37: Belén Uriel. Pormenor da Instalação *Lama no Sapato*, Exposição no Projektraum, Museu Wiesbaden, 2016.

JOÃO MARIA GUSMÃO + PEDRO PAIVA

Lisboa, Portugal, 1979 + Lisboa, Portugal, 1977.

Ambos vivem e trabalham em Lisboa.

Residência: Planetário Calouste Gulbenkian

« O duo de artistas começou a trabalhar em conjunto em 2001, não somente em produções artísticas, como criação de objectos, instalações, filmes de 16 e 35mm, mas também em projectos editoriais.

A dupla participou em diversos contextos internacionais, como Il Palazzo Enciclopedico, exposição da 55ª Bienal de Veneza, a 27ª Bienal São Paulo, a 6ª Bienal do Mercosul e a Manifesta 7. Em 2009 apresentaram a exposição individual *Experiments and Observations on Different Kinds of Air*, representação oficial de Portugal da 53ª Bienal Veneza..»³⁸

Exposições individuais (seleção)

- 2016 *Peacock*, Haus der Kunst Munique, Alemanha; *The Sleeping Eskimo*, no Aargauer Kunsthau, Suíça;
- 2015 *Papagaio*, co-curadoria de Vicente Todolí, no Camdem Art Center, em Londres, Reino Unido;
- 2014 *Papagaio*, curadoria de Vicente Todolí, no HangarBiccoca, em Milão, Itália;
- 2013 *Third man argument* na Galeria Sies + Hoke em Dusseldorf, Alemanha;
- 2012 *Those animals that, at a distance, resemble flies*, Kunsthau Glarus na Suíça; em
- 2011 *Alien Theory*, no museu Frac Île-de-France, Le Plateau (Paris), França; *There's nothing more to tell because this is small, as is every fecundation*, no Museu Marino Marini, em Florença, Itália; *Tem gwef tem gwef dr rr rr* na Kunsthalle Dusseldorf, Alemanha;
- 2010 *On the Movement of the Fried Egg and Other Astronomical Bodies*, na Ikon Gallery, em Birmingham, Reino Unido;
- 2008 *Horizonte de Acontecimentos* na Photoespanha, em Madrid, Espanha; e por último na exposição *Abissologia: para uma ciência transitória do indiscernível*, na Cordoaria Nacional de Lisboa, numa parceria entre a ZDB e a Câmara Municipal de Lisboa.

³⁸ Biografia divulgada pela galeria Graça Brandão que representa a dupla de artistas.

Coleções (seleção)

Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Espanha.

Tate Modern, Inglaterra.

Mudam, Luxemburgo.

Musac, Espanha.

GAM, Itália.

CCB, Portugal.

Fundação Serralves (Portugal)

MNAC - Museu do Chiado (Portugal)

Frac (França)

CNAP - Centre National des Arts Plastiques (França)

abissologia

Para uma Ciência Transitória do Indiscernível

João Maria Gusmão + Pedro Paiva



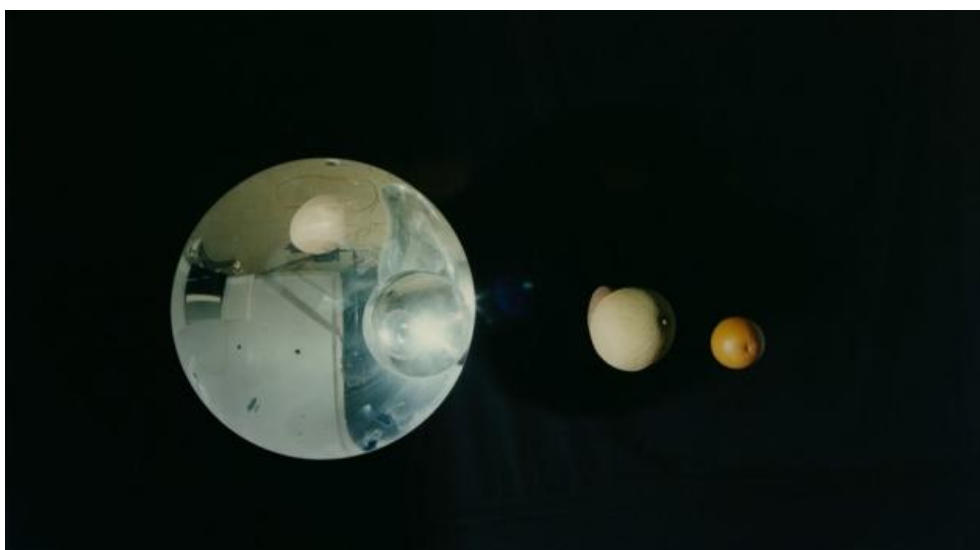
curadoria Natxo Checa

Uma
Produção
ZDB

[Figura 38: João Maria Gusmão e Pedro Paiva. Material de divulgação da exposição *Para uma ciência do indiscernível: a Abissologia*. Curadoria de Natxo Checa. Galeria do Torreão Nascente da Cordoaria Nacional de Lisboa, 2008.



|Figura 39: Pedro Paiva e João Maria Gusmão. Macacos de Newton, Maça de Darwin, 2002.



|Figura 40: Pedro Paiva e João Maria Gusmão. Sistema Planetário, 2011.

2.9. ORÇAMENTO DESCRIMINADO ³⁹

A. Equipa de Direção		
Coordenação, Gestão de Projeto e Produção	12 meses	5.000 €
Curadoria	12 meses	3.800 €
Serviços Administrativos (Apoio Jurídico, Contabilidade, Balancetes)	10 meses	1.000 €
Subtotal		9.800 €

B. Equipa de Investigação		
Fees (Ensaio e Conferências)	1000€x4	4.000€
Subtotal		4.000 €

C. Equipa Artística		
Fees	1500€x8	12.000 €
Produção de Obra	3000€x7	21.000 €
Subtotal		33.000 €

D. Produção		
Aluguer de Espaços (Expositivos, Conferências, Ciclo de Filmes, Serviço Educativo)		7.892 €
Montagem e Desmontagem - Exposição		1.600 €
Material Expositivo (Projetores, lentes, impressões em vinil, plintos, vitrines ...)		8.380 €
Transportes de Obras		2.500 €
Água e Luz		2.000 €
Manutenção e Limpeza		1.700 €
Segurança e Vigilância		*
Seguro		2.200 €
Catering de Inauguração	200 pess	1.600 €
Subtotal		27.872 €

**serviço assegurado pelas entidades e voluntários da Casinfância - Lugar, Tempo e Discurso*

E. Divulgação		
Design do Evento		3.600 €
Fotografia, Edição e Pós-Produção		2.750 €
Vídeo: Residências, Depoimentos e Exposição		1.080 €

³⁹Orçamento justificado em 2.9. Apoios Financeiros e Logísticos p.60 da presente dissertação.

Assessoria de Comunicação		3.198 €
Tradução Inglês - Português		2.300 €
Impressão de Mapas	4800 uni	1.650 €
Impressão de Material de Comunicação (mupis, cartazes, telas, convites)		2.200 €
Subtotal		16.778 €

F. Educação Artística

Oficinas de Cianótipia	2	750 €
Subtotal		750 €

G. Publicação

Design e Acompanhamento na Gráfica		3.260 €
Revisão		1.200 €
Distribuição		2.800 €
Impressão	600 uni	5.290 €
Subtotal		12.550 €

TOTAL apresentação 104.750 €

2.10. APOIOS FINANCEIROS E LOGÍSTICOS

APOIOS ANGARIADOS (estimativa)

A. Museu Nacional de Etnologia

Duas áreas destinadas ao período de residências a artistas e investigadores	6 meses	
Espaço Expositivo, Sala Temporária nº3	4 meses	
Custos relativos a iluminação, climatização e segurança do evento		
Custo prego-a-prego das obras de arte realizadas dos ateliers ao museu		
Apoio técnico na montagem e desmontagem da exposição		
Disponibilização de material expositivo (plintos, vitrines...)	4 meses	
Manutenção e Limpeza		
Acolher e divulgar um plano de serviço educativo para público adulto e infantil		
Venda da publicação do evento na loja do Museu		
Divulgação do evento na rede de comunicação do Museu Nacional de Etnologia		
Aquisição de cem exemplares da publicação do evento a preço de custo		
Realização do catering de inauguração		
Impressão da tela de divulgação do museu		
Subtotal		7.098 €

B. Museu de Marinha

Uma área destinada ao período de residências para artistas e investigadores 6 meses

Espaço Expositivo, sala D. Luís I 4 meses

Custos relativos a iluminação, climatização e segurança do evento

Seguro relativo ao valor da produção das peças

Apoio técnico na montagem e desmontagem da exposição

Manutenção e Limpeza

Acolher e divulgar um plano de serviço educativo para público adulto e infantil

Venda da publicação do evento na Loja do Museu

Impressão do material de comunicação destinado aos suportes físicos do museu

Divulgação do evento na rede de comunicação do Museu de Marinha

Subtotal 3.947 €

C. Planetário Calouste Gulbenkian

Uma área destinada ao período de residências para artistas e investigadores

Disponibilização do auditório do planetário como espaço expositivo

Custos relativos a iluminação, climatização e segurança do evento

Manutenção e Limpeza

Acolher e divulgar um plano de serviço educativo para público adulto e infantil

Venda da publicação do evento na Loja

Impressão do material de comunicação destinado aos suportes físicos do Planetário

Divulgação do evento na rede de comunicação do Planetário

Subtotal 4.775 €

D. Jardim Botânico Tropical

Uma área destinada ao período de residências para artistas e investigadores

Permissão para a instalação das obras de arte no jardim

Manutenção

Assegurar a vigilância do jardim

Acolher e divulgar um plano de serviço educativo para público adulto e infantil

Venda da publicação do evento na Loja

Divulgação do evento na rede de comunicação do Jardim Botânico Tropical

Subtotal 1.150 €

E. Faculdade de Belas Artes de Lisboa

Disponibilização do Auditório Lagoa Henriques 320 €

Subtotal 320 €

APOIOS EM FASE DE NEGOCIAÇÃO - PREVISÃO

Cinemateca Portuguesa - Sala de Projeção e Filmes	1.200 €
EGEAC - Impressão dos Mapas de Intervenção	1.650 €
Documenta - Design, Acompanhamento na Gráfica, Revisão, Distribuição	7.260 €
Junta de Freguesia de Belém – Apoio à Produção, Custos das oficinas dirigidas à Casa Pia de Lisboa	1.750 €
Fundação Luso-Americana Para o Desenvolvimento	2.000 €
Fundação EDP	2.000 €
Subtotal	15.860 €

CANDIDATURAS A CONCURSO

Direcção Geral das Artes 2017	30.000 €
Subtotal	30.000 €

Câmara Municipal de Lisboa (em regime de avaliação)	41.600€
Subtotal	41.600 €

TOTAL apresentação 104.750 €

2.11. CRONOGRAMAS FINANCEIRO E DE EXECUÇÃO FÍSICA

CRONOGRAMA FINANCEIRO

	Out 17	Nov e Dez 17	Jan 18	Fev 18	Mar 18	Abr 18	Mai 18	Jun 18	Jul 18	Ago 18	Set 18	Valor Final
Coord. Gestão e Pro.	20%		40%				40%					5.000€
Curadoria	20%		40%				40%					3.800€
Serv. Adm.											100%	1000€
Fees Investigação	50%							50%				4.000€

Fees Artistas	50%					50%						12.000€
Produção de Obra			25%	25%	25%	25%						21.000€
Produção + Impressão de Mapas + Impressão de Material de Comunicação					10%	10%	70%				10%	31.722€
Tradutor			40%						60%			2.300€
Design do Evento	40%						60%					3.600€
Fotografia + Vídeo			40%					60%				3.830€
Assessoria de Com.					40%						60%	3.198€
Educação Artística									100%			750€
Publicação									40%		60%	12.550€

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO FÍSICA

	Set a Nov 17	Dez 17	Jan 18	Fev 18	Mar 18	Abr 18	Mai 18	Jun 18	Jul 18	Ago 18	Set 18
Residências Artísticas											
Investigação											
Documentação											
Montagem da Exposição											
Divulgação (Design, Assessoria de Comunicação, Tradução..)											
Exposição											
Ciclo de Conferências											
Educação Artística											
Ciclo de Filmes											
Publicação											
Lançamento da Publicação											
Relatórios e Balancetes											

3. AVALIAÇÃO PROVISÓRIA

O projeto *Estudos do Labirinto* tem o início do seu programa de residências previsto para Setembro de 2017, e é exatamente este o motivo que nos leva a uma avaliação provisória tendo como referente o trabalho desenvolvido até à data da entrega desta dissertação.

A avaliação permite ter uma compreensão de diversos aspetos com que estamos a trabalhar. No que toca à visão das diversas entidades museológicas referente à aceitação do projeto, estas desde o primeiro contacto demonstraram-se interessadas sendo as cartas de intenções, em anexo, prova desse interesse por parte das instituições e onde podemos encontrar algumas avaliações ao projeto como a do Comandante Reis Madeira diretor do Museu de Marinha que refere:

«O projecto demonstrou ter um grande interesse, na medida em que proporcionará ao público e artistas envolvidos uma experiência transversal no Museu de Marinha, ao dar a conhecer e a explorar um território particular no panorama nacional das artes.»⁴⁰

A par das instituições que recebem as residências artísticas e a exposição estão os restantes apoios, não menos importantes, que nos permitem uma malha de sustentabilidade permitindo ter uma avaliação provisória do sucesso deste projeto.

Também os artistas envolvidos são um importante elemento de avaliação. O sólido percurso de grande parte dos artistas envolvidos, somado às provas dadas pelos jovens artistas são garantias da qualidade no campo da arte contemporânea. O mesmo se pode dizer referente ao núcleo de investigadores com que a Casinfância deseja trabalhar durante o período das residências.

Portanto, no que cabe às entidades, rede de apoios e artistas podemos desde já garantir o sucesso do projeto não só em termos qualitativos mas também quantitativos sendo um projeto com lugar no território de Belém e apostando no que de melhor a arte contemporânea portuguesa pode oferecer aos seus pares, à comunidade mas também a quem nos visita.

⁴⁰ Excerto da carta de intenções do Museu de Marinha, em anexo.

CONCLUSÃO

Desde 2014 que o meu interesse pela curadoria e pelo gesto curatorial em lugares, que não são destinados à arte contemporânea, surgiu. Interessa-me o gesto de cruzar e conectar, de criar camadas sobre um mesmo território.

O gesto curatorial não permite neutralidade em matérias de exposição, pois esta envolve a materialização de um saber sensível e ao mesmo tempo intelectual, contribuindo para a construção de um discurso sem o qual os objetos artísticos ficariam amorfos no espaço, reduzidos a meros artefactos de decoração. Portanto, as proposições curatoriais devem desenhar um conjunto de ações paralelas, pautadas pela investigação, conferências, conversas, projetos editoriais produzindo, desta forma, ferramentas para o pensamento e a discussão. É, assim, essencial que a tarefa curatorial investigue, desoculte, relacione, ponha em perigo, arrisque, potencie aberturas, crie discursos e pensamento, definindo espaços de ensaio por excelência.

O corpo de trabalho *Estudos do Labirinto – Projeto Curatorial*, construiu-se sobre a reunião de elementos essenciais para a compreensão do projeto e sobre os quais tenho vindo a trabalhar ao longo do último ano. Através deste estudo é possível situar, contextualizar este projeto no panorama social. Por outro lado, entende-se a importância da questão do lugar para a criação e de que forma o espaço deixa de ser um mero recetáculo de objetos e passa a uma entidade dinâmica que interage com a obra de arte e a sua origem. Através deste mesmo estudo conseguimos perceber a importância de cada espaço museológico que compõe o projeto. Aqui, cada universo é convocado pela sua presença. Percebemos também a escolha dos artistas para estes lugares e as escolhas dos investigadores que irão desenvolver os ensaios a figurar na publicação final. A importância de cada interveniente torna-se clara na construção de um discurso de confluência e de pluralidade, é um campo em franca expansão que toma outros lugares para a cena artística contemporânea, apostando na abertura e na diversidade cultural.

Com *Estudos do Labirinto* assiste-se também a uma “economia do conhecimento”, suportada na cultura, em que entidades como a Casinfância assumem um papel preponderante, criando inegáveis oportunidade para artistas e profissionais do sector artístico. Através do projeto compreende-se que existe um reconhecimento da importância de trabalhar em rede, fundamental na organização e gestão de atividades culturais e artísticas. É o estabelecer de sinergias que permite a sustentabilidade de ações como esta, associando a cultura, o património e o turismo.

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERGARIA, Gabriela. *Reconhecer – Um Lugar*, textos de Miguel von Hafe Perez. António Henriques Galeria de Arte Contemporânea, 2014. ISBN 972-990-97-5-x
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. ISBN 85-336-0234-0
- BATAILLE, Georges. *O Nascimento da Arte*. Lisboa: Sistema Solar, 2015. ISBN 978-989-99307-3-5
- BELÉN, Uriel. *segunda-feira* (exposição) texto e curadoria Miguel Wandshneider, 2016.
- CAREPO, Teresa. *Atirar Pedras à Lua*, texto de Joana Batel, 2015.
- CARNEIRO, Alberto. *Das Notas para um Diário e Outros Textos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. ISBN 978-972-37-1280-3
- CARNEIRO, Alberto. *Experimentar a Dúvida* in Espaço Arte Contemporânea, coordenação e edição de Sara Antónia Matos. Montemor-o-Novo: Oficinas do Convento, 2009. ISBN 978-989-95315-2-9
- CHAFES, Rui. *Entre o Céu e a Terra*. Lisboa: Documenta, 2014. ISBN 978-989-97719-6-3
- CHAFES, Rui. *Sob a Pele* conversas com Sara Antónia Matos. Lisboa: Documenta|Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar, 2015. ISBN 978-989-8833-00-6
- DUARTE, Armanda. *A Poesia da Humildade*, texto de Luísa Soares de Oliveira, in Ípsilon, p. 34, Novembro 2, 2012.
- DUARTE, Armanda. *Três degraus, uma laje*, textos de Bruno Marchand, 2011. ISBN 978-972-769-074-9
- FARIA, Nuno. *De uma visão outra*, in AA. VV., Caminos. Arte Contemporâneo Português. Colección Caixa Geral de Depósitos. Adquisiciones 2005/2006, Lisboa: Culturgest
- FARIA, Nuno. *Projecto Observatório | Arte, Ambiente e Paisagem*. Atelier Educativo, 2008
- FARIA, Nuno. *Encontros Para Além da História*. Guimarães: Centro Internacional das Artes José de Guimarães, 2012. ISBN 978-989-98505-2-1
- FARIA, Nuno. *Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Guia da Coleção*. Guimarães: Centro Internacional das Artes José de Guimarães, 2012. ISBN 978-989-97607-9-0
- FERNANDEZ, Luis Alonso e Isabel Garcia Fernandez. *Diseno de exposiciones concepto instalacion y montaje*. Madrid: Alianza Editorial, 2001. ISBN 84-206-5749-2
- GUSMÃO, João Maria + Pedro Paiva. *Teoria Extraterrestre*. Mousse Publishing, 2014. ISBN 978-886-749-133-9
- HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70 Lda. ISBN 978-972-44-1379-2
- JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da Ginga – A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Edições Casa da Palavra, 2003. ISBN 978-85-7734-231-0

JURGENS, Sandra Vieira. *Instalações Provisórias Independência, autonomia, alternativa e informalidade Artistas e exposições em Portugal no século XX*. Lisboa: Documenta, 2016. ISBN 978-989-8618-90-0

KERÉNYI, Károly. *Estudos do Labirinto*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008. ISBN 978-972-37-1298-8

MARTE#5, *Os Processos da Arte*, coord. Catarina Rosendo e Lúcia Afonso. Lisboa: Associação de Estudantes da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2014. Depósito legal: 385 010/14

MATOS, Sara Antónia. *O Museu Como Atelier in Incandescência*. Lisboa: Sistema Solar, 2015. ISBN 978-989-8618-65-8.

MELO, ALEXANDRE. *Sistema da Arte Contemporânea*. Lisboa: Sistema Solar, 2012. ISBN 978-989-8618-05-4

O'DOHERTY, Brian. *Inside The White Cube – The Ideology of the Gallery Space*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1999. ISBN 978-0-520-22040-9

SANTOS, Ana. *Corpos imanentes* de Bruno Marchand in *Trabalho*. Catálogo do Projeto de exposições Chiado 8, (2009-2012). ISBN 978-972-769-074-9

SHARR, Adam. *La Cabaña de Heidegger – Um espacio para pensar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015. ISBN 978-84-252-2837-7

TARKOVSKI. *Esculpir o Tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. ISBN 85-336-0882-9

TROPA, Francisco. *A Assembleia de Euclides*. (texto) Miguel Wandschneider. Lisboa: Culturgest, 2009. ISBN 978-972-769-071-8

NICOLAU, Ricardo. *Exposição Escrita*. (exposição) Tesouros Submersos do Antigo Egipto de Francisco Tropa. Projecto de Exposições (2006-2008). Lisboa: Culturgest, 2008. ISBN 978-972-769-045-9.

VICENTE, Nuno. *A Respiração das Águas* (texto) João Pinharanda in *Prémios Novos Artistas Fundação EDP 2015*, Lisboa: Edição Documenta ISBN 978-989-861-867-2.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico* [1922], seguido de *Investigações Filosóficas* [1953], Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008

SITIOGRAFIA

Arte, Crítica e Política
<http://artecriticapolitica.weebly.com/workshops.html>

Belén Uriel
<http://belenuriel.net/>

Conversations 2012 Lowcost
<http://www.i2ads.org/unneeded2012/speakers/miguel-wandschneider/>

Culturgest
http://www.culturgest.pt/arquivo/2016/expos/belen_uriel.html

Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas
<http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=10153>

Galeria Graça Brandão

http://www.galeriagracabrandao.com/web/pt/portfolio_page/joao-maria-gusmao-pedro-paiva/

Hangar – Centro de Investigação Artística

<http://www.hangar.com.pt/portfolios/daniel-barroca/>

ProjectoMap

<http://www.projectomap.com/>

Quadrado Azul

<http://www.quadradoazul.pt/pt/qa/artist/francisco/>

<http://www.quadradoazul.pt/pt/qa/artist/santos-ana/>

Sistema Solar

<http://www.sistemasolar.pt/pt/autor/529/tomas-maia/?ac=autor>

FILMOGRAFIA

ALBERGARIA, Gabriela in *Entre Imagens*. Lisboa: RTP, 2014

Fonte: [em linha] [consultado em 18 de Outubro de 2016], disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=b2d3uHmHOeQ>

HERZOG, Werner. *A Caverna dos Sonhos Perdidos*. França/Canadá/EUA/Reino Unido/Alemanha. 2010.

ÍNDICE DAS IMAGENS

Figura 1: João Maria Gusmão + Pedro Paiva. Vista da Instalação “Eclipse Ocular”. ZDB, 2006.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em

<http://arttattler.com/archivepedropaiva.html>

Figura 2: Belén Uriel. Material de divulgação da exposição *Lama no Sapato*. Parkour, 2014.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em

<http://parkour-lisboa.tumblr.com/>

Figura 3: Bruno Cidra e Gonçalo Barreiros. Vista da exposição *Fazer Andar*. Parkour, 2013.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em

<http://parkour-lisboa.tumblr.com/2013>

Figura 4: A cabana de Heidegger em 1968.

Fonte: SHARR, Adam. *La Cabaña de Heidegger – Um espacio para pensar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015. p.42

Figura 5: O escritório de Heidegger na Cabana.

Fonte: SHARR, Adam. *La Cabaña de Heidegger – Um espacio para pensar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015. p.39

Figura 6: Hélio Oiticica. *Parangolé*, Mangueira, 1965.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em

<https://br.pinterest.com/pin/157133474468844199/>

Figura 7: Alberto Carneiro. *O canavial: memória metamorfose de um corpo ausente*, 1968.
Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.culturgest.pt/arquivo/2010/03-linguagemeexp.html>

Figura 8 e 9: Material de divulgação da exposição *DA FÁBRICA QUE DESVANEC E À BAÍA DO TEJO*, 2014.
Fonte: Cortesia da Casinfância.

Figura 10 e 11: Mapas de intervenção da exposição *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO*, 2014.
Fonte: Cortesia da Casinfância.

Figura 12: Vista da Exposição *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO*, 2014.
Fonte: Cortesia da Casinfância.

Figura 13: Imagem da Maqueta do Livro *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO*, 2015.
Fonte: Cortesia da Casinfância.

Figura 14: Programa da exposição *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO*, 2014.
Fonte: Cortesia da Casinfância.

Figuras 15, 16 e 17: Material Publicado sobre a exposição *DA FÁBRICA QUE DESVANECE À BAÍA DO TEJO*, 2014.
Fonte: Cortesia da Casinfância.

Figura 18: Francisco Tropa. *Sem título*, 2008.
Fonte: NICOLAU, Ricardo. *Exposição Escrita. (exposição) Tesouros Submersos do Antigo Egipto* de Francisco Tropa. Projecto de Exposições (2006-2008). Lisboa: Culturgest, 2008.

Figura 19: Francisco Tropa. *Scenario*, Representação Oficial Portuguesa, 54ª Bienal de Veneza, 2011.
Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.quadradoazul.pt/pt/qa/artist/francisco/>

Figura 20: Francisco Tropa. *Gigante*, 2006.
Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.quadradoazul.pt/pt/qa/artist/francisco/>

Figura 21 : Teresa Carepo. *Sem Título*, 2015.
Fonte: Cortesia da artista

Figura 22 e 23 : Teresa Carepo. *Sem Título*, 2015.
Fonte: Cortesia da artista

Figura 24 : Teresa Carepo. *Sem Título*, 2015.
Fonte: Cortesia da artista

Figura 25: Armanda Duarte. *Duas exposições*, 2010.
Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.carolinepages.com/index/131517>

Figura 26: Armanda Duarte. *Abertura* peça da Exposição *Desculpa grilo, roubei-te a casinha* na Galeria Caroline Pagé, 2012
Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.carolinepages.com/index/133403>

Figura 27: Armanda Duarte. Vista da Instalação *Meio caminho*, 2009.
Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.carolinepages.com/index/121385>

Figura 28: Nuno Vicente. *Diário de Notas – peça sonora para Um Diário de Notas – peça sonora para uma árvore morta*, 2015.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em http://nuno-vicente.com/public_html/Grunewald.html

Figuras 29 e 30: Nuno Vicente. Vista da Instalação *Escultura dividida - propagação da luz noturna no infinito*, 2015.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em http://nuno-vicente.com/public_html/Propagation_of_nocturnal_light_into_the_infinite.html

Figura 31: Nuno Vicente. Vista da Exposição EDP Novos Artistas 2015. *A sombra de um rio em contracorrente - Homenagem a Heráclito*, Fundação EDP, 2015.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em http://nunovicente.com/public_html/The_shadow_of_a_river_in_countercurrent%3B_tribute_to_Heraclitus.html

Figura 32: Ana Santos. Vista da Exposição no Chiado 8, 2012.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.missdove.org/2012/02/ana-santos-at-chiado-8.html>

Figura 33: Ana Santos. Sem Título, 2015.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://artviewer.org/ana-santos-at-the-goma/>

Figura 34: Ana Santos. Sem Título, 2015.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://artviewer.org/ana-santos-at-the-goma/>

Figura 35: Belén Uriel. Pormenor da Exposição no Projektraum, Museu Wiesbaden, 2016.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://belenuriel.net/sand-paper-scissors#/i/7>

Figura 36: Belén Uriel. Vista da Exposição no Projektraum, Museu Wiesbaden, 2016.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://belenuriel.net/sand-paper-scissors#/i/1>

Figura 37: Belén Uriel. Pormenor da Instalação *Lama no Sapato*, Exposição no Projektraum, Museu Wiesbaden, 2016.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://belenuriel.net/sand-paper-scissors#/i/1>

Figura 38: Pedro Paiva e João Maria Gusmão. Material de divulgação da exposição *Para uma ciência do indiscernível: a Abissologia*. Curadoria de Natxo Checa. Galeria do Torreão Nascente da Cordoaria Nacional de Lisboa, 2008.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em http://www.paulomendes.org/?pagina=noticias/noticias&acao=ver_noticia&id_noticia=58

Figura 39: Pedro Paiva e João Maria Gusmão. *Macacos de Newton, Maça de Darwin*, 2002.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.hausderkunst.de/en/exhibitions/detail/capsule-05-joao-maria-gusmao-pedro-paiva/>

Figura 40: Pedro Paiva e João Maria Gusmão. *Sistema Planetário*, 2011.

Fonte: [em linha] [consultado em 10 de Outubro de 2016], disponível em <http://www.hausderkunst.de/en/exhibitions/detail/capsule-05-joao-maria-gusmao-pedro-paiva/>

ANEXOS